

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC

ROGERIO TRENTIN

A Fábrica de Cimento Portland (Perus) – Greve dos “Queixadas”

São Paulo / Julho

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC

ROGERIO TRENTIN

A Fábrica de Cimento Portland (Perus) – Greve dos “Queixadas”

O trabalho de conclusão do Lato sensu, com orientação da Professora Maria Auxiliadora Guzzo, mostra o crescimento de união de um grupo grevista, lutando por um único ideal, melhores condições de trabalho,

**Trabalho de Conclusão de Curso como requisito básico para a
Conclusão de Curso do Curso de história, sociedade e cultura.**

Orientador (a):

Maria Auxiliadora Guzzo

Agradeço a todas as pessoas que tiveram participação direta em meu trabalho, minha esposa, Fernanda Vizacco, minha filha, Beatriz, meus pais e sogros e também agradeço a minha orientadora Maria Auxiliadora pela compreensão e contribuição para uma perfeita conclusão do curso.

*“Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo,
então somos companheiros”*

Ernesto Guevara – Che Guevara.

Sumário

Lista de Figuras-----	08
Apresentação-----	10
Resumo-----	13
Abstract-----	14
I – Introdução-----	15
II – Formação do bairro (Perus) -----	16
III – Formação da Fábrica de Cimento Portland-----	19
IV – Conflitos – Greve (A) (Os noventa e nove dias) -----	26
Greve (B) (A greve até os dias finais da fábrica) -----	31
V – Participações políticas e sociais a favor dos manifestantes-----	47
VI – Posições políticas sobre a fábrica e a greve – Governo-----	53
VII – Entrevistas e contrastes de ideias (Documentos – periódicos – Jornais – etc.) -----	57
VIII – Considerações finais-----	68
IX – Cronologia do Bairro de Perus-----	72
X – Bibliografias-----	74

Lista de imagens

Imagem 1 – Vias de comunicação e ligações ferras para transportes e comércios.

Imagem 2 – Extração de calcário na região do Gato Preto, próximo a Cajamar, primeira grande extração do minério na região e também a primeira região a receber fornos de fundição do calcário.

Imagem 3 – Casa de Pedra, uma casa criada para se tornar o primeiro grupo escolar em Cajamar (cidade vizinha de Perus)

Imagem 4 – Vista da Fábrica de cimento em suas produções iniciais, imagem extraída do YouTube - <http://www.youtube.com/watch?v=sUlq-CVp8YI>

Imagem 5 - Panfletário da greve dos “Queixadas”, ele mostra a ligação das indústrias Abdala pela estrada de ferro e o maquinista do trem chamando a todos das indústrias Abdala a participar também.

Imagem 6 – Acúmulo de pó de cimento em telhado de uma casa, isto, legitima a poluição tóxica ocasionada pela fábrica.

Imagem 7 - Manifestações das mulheres queixadas, estas ajudavam seus maridos, filhos, protegendo e manifestando com paradigmas diferenciados aos homens e outros modelos grevistas.

Imagem 8 – Manifestação em frente aos portões da Fábrica de Cimento Perus, manifestação de 1967 onde outros integrantes estavam em viagens solicitando apoio de outros grupos.

Imagem 9 – Mães e crianças queixadas enfrentando ordens policiais, elas defendendo seus maridos e filhos que estavam na porta da Fábrica.

Imagem 10 – Padre Bianchi – religiosa que apoiou as manifestações de uma forma ativa e em alguns momentos intrinsecamente.

Imagem 11 – Policiamento dentro da empresa para segurança contra os grevistas

Imagem 12 – Representação do brasão do sindicato de Perus

Imagem 13 – imagem da capa do disco Bumba meu Queixada, teatro e música sobre o ocorrido.

Imagem 14 – Mapa de Perus e suas localizações – Fábrica – estrada de Ferro – Sindicato – Rodovias de Acesso e Praça onde ocorriam manifestações.

Apresentação

Para seguir uma narrativa crescente dos fatos do bairro de Perus e da Construção da Fábrica de Cimento Portland, o trabalho será composto por uma dinâmica e um diálogo de oito capítulos contendo documentos, entrevistas, discussões bibliográficas e curiosidades sobre os fatos.

O primeiro capítulo abordará a história do bairro de Perus, história antiga, contemplando desde seus primórdios até os dias da greve, e buscando mostrar a ascensão e queda de sua popularidade e de sua formação social. Serão abertas as portas de um bairro esquecido nas fronteiras de áreas metropolitanas da cidade de São Paulo, hoje conhecido como um dos bairros mais violentos da cidade. Em sua formação, contudo, era a região que abastecia os cofres portugueses de diamantes.

O segundo capítulo tratará da formação do bairro de Perus, uma região provinciana conservadora que passa por uma transformação com o crescimento urbano. Mesmo sendo um bairro dormitório, é caminho de passagem de várias pessoas com ideais diferenciados, que, assim, trazem para dentro do bairro novos pensamentos mais críticos.

O terceiro capítulo explicará a criação da Fábrica de Cimento Portland em Perus, contemplando motivos, logística, ideais, responsáveis. Toda a trajetória da fábrica desde sua formação dentro do bairro, com os benefícios aportados para a região, até sua decadência, inclusive com seu fechamento, será analisada.

O quarto capítulo será apresentado em duas fases: na primeira, a greve será exposta durante os noventa e nove dias iniciais, ainda enfraquecida e logo deflagrada; nessa parte, estarão sendo discutidos os problemas dos operários dentro da fábrica, como horário de entrada e saída, almoço, e horas extras. Na segunda fase, a greve será justificada pelos maus tratos, poluição do bairro, salário, saúde danificada pela poluição do cimento e pela periculosidade em trabalhar com máquinas sem manutenção, além da despreocupação do proprietário com questões importantes referentes ao operariado.

No quinto capítulo se introduzirá a participação política e social na manifestação grevista. Os dois grupos que ajudam intrinsecamente participantes e familiares do movimento e que serão forças unidas; embora não visíveis, terão importância pois têm o intuito de robustecer o movimento operário contra os moldes burgueses europeus estabelecidos pelos proprietários da Fábrica de Cimento Portland.

O capítulo seis irá mostrar o outro lado da fábrica; nos capítulos anteriores só se abordou questões do proletário, mas não se pode ser tendencioso, sendo necessário mostrar também, portanto, o lado burguês. Os patrões intervieram contra as greves de formas variadas: opressões, acordos e até mesmo intervenções políticas. A greve (1962 – 1969) acontece em plena ditadura militar; assim, grandes empresários tinham todo o apoio do governo para o crescimento do país e qualquer um que se mostrasse contra isto, estaria surtindo efeito negativo e ameaçador contra a nação.

O sétimo capítulo trará entrevistas de dois ideais participantes da greve e seus familiares, buscando explicar como estes viveram as circunstâncias de uma greve com seu ensejo longo e crítico, que causou um tenso conflito ideológico entre a população local. Assim, se pretenderá mostrar um modelo de trabalhador e manifestante diferente de outros personagens inseridos no mesmo contexto em outros períodos históricos. Além das entrevistas, periódicos, revistas, fotos, vídeos serão usados como fontes fidedignas, evidenciando a manipulação, ou mesmo, a inserção das ideias de greve contra a Fábrica de Cimento Portland.

No capítulo oito tratar-se-á das conclusões finais, tentando mostrar um novo modelo de trabalhador e de manifestante, e, também, mostrando algo que certamente o caso representa: a oposição entre burguês e operário. Porém, diferentemente de outros casos, o proprietário não se mostrou inteligente o bastante para reverter uma situação que era de direito dos trabalhadores.

No nono capítulo, será abordado uma breve cronologia do Bairro de Perus, mostrando principais eventos sobre a industrialização do bairro.

No décimo e último capítulo, o uso da bibliografia utilizada será justificado. Esta mostrou-se variada. Porém, todas as obras consultadas apresentavam detalhes meritórios sobre o bairro e a Fábrica de Cimento Portland.

O trabalho será baseado na categoria de análise *luta de classes*. Assim, a tabela abaixo mostrará os estereótipos entre as duas classes, o trabalhador e o burguês.

Estereótipos	Trabalhador explorado	Patrão – Burguês
		Produtor da riqueza – escravo – oprimido – explorado - pobre
Exploração	Pária que trabalha para o engrandecimento do país, classe que realmente produz, vítima da exploração, da prepotência dos patrões, fecundo e produtivo escravo da fábrica, escravo branco, míseros escravos, cujo delito exclusivo, consiste em precisarem trabalhar para sobreviver! Vive sobre o julgo tirânico, mata-se de trabalhar e não consegue o conforto social, fâmulos da terra em que nasceram torpemente explorados, pobres entes miseráveis.	Escravocratas, capitalismo ladravaz, ganância capitalista, desmedida, sem limites, torpe desenfreada ambição de lucro argentário, senhores do ouro, esbanjam o produto do nosso trabalho em festas, passeios e dissipações, patronato voraz, alugadores de braços produtores, sede de ouro cada vez mais difícil de saciar, tirania patronal, prepotência plutocrática, vida faustosa, títulos e regalias.
Caráter moral	Pacato, pacífico e inerme, honesto, indefeso, classe que só tem deveres e às quais não lhe reconhecem direitos.	Egoísmo, verdugos, chacinadores, cínicos e rematados hipócritas, nefandos propósitos de escravizar e oprimir, exploração vergonhosa, malvados industriais, sórdidos desalmados, absoluto desprezo pela vida dos operários canalhas.
Animalização	Carne própria para exploração.	Capitalismo sanguessuga do suor do trabalhador, vampiro do sangue do trabalhador, parasitas desumanos, lobos, tubarões das indústrias, víbora capitalista.
Atributos	Miséria, fome, trabalha com seus equipamentos, magreza, maltrapilho, expressão de sofrimento no olhar, olhar baixo de humilhação, inércia, passividade.	Riqueza, opulência, desperdício, ócio, fumando charutos caros, gordura, ótimas vestimentas, arrogância e felicidade.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a greve “dos queixadas”, denominação pela qual eram conhecidos homens e mulheres que reivindicaram seus direitos trabalhistas, já estabelecidos pelo governo, e não respeitados pelos empregadores. Esta greve, considerada uma das mais longas do mundo, teve repercussão na Inglaterra; entretanto, muitas vezes, não é conhecida pelos próprios conterrâneos.

A greve que teve pequena repercussão na sociedade em geral após 1964, pois o Brasil passou por uma transição governamental, de uma democracia civil para um sistema militar. Portanto, houve uma investida mais dura contra estes grevistas, os quais não revidaram, transformando o seu movimento em um ato de manifestação mais silencioso, não chamando tanta a atenção da mídia. Apagado para a maioria da população, o ato repercutiu como um grito majestoso para os que participavam da greve, conhecidos como “queixadas” (porcos do mato que batem as mandíbulas fazendo um som muito barulhento e assustando seus inimigos). Estes homens ficaram conhecidos desta forma, pois se uniam em um grande grupo e faziam barulhos com suas marmitas assustando os donos da fábrica.

A greve teve início em 1962 e encerrou-se em 1969, sem muitas das resoluções necessárias, porém com a satisfação de uma vitória. A família Abdala, responsável pela Fabrica de Cimento Portland, sentiu fortemente os reflexos desta greve, tanto financeira como socialmente.

Abstract

This research aims to present the strike named as "the jaws", well-known men and women who claimed their labor rights which have already been set by the government but were not respected by employers. This strike is considered one of the world's longest ones, having echoed even in England. Unfortunately, it is often ignored by the local population.

The strike brought a small impact on wider society because, after 1964, Brazil passed from a civilian democracy to a military system. Therefore, there was harder repression against these strikers, which did not fight back. The strike became an act of silent manifestation, not calling much attention from the media. Parted from the majority of the population it was as a cry that reverberated majestically for those participating in the strike, known as "jaws" (boars that hit the jaws making a very loud sound and frightening its enemies). These men became known as that since they united in a large group and made noises with their lunchbox scaring the factory owners.

The strike began in 1962 with its closure in 1969. Even without many resolutions, the workers felt the satisfaction of victory. The Abdala family, responsible for the Cement Portland Factory, felt very much the financial and social consequences of this strike.

Introdução

No dia 24 de abril de 1926, iniciavam-se as atividades da Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus, que passava a produzir o primeiro cimento brasileiro. De propriedade de J.J. Abdala, seu presidente era o Dr. Sylvio de Campos, e seu vice-presidente o Doutor Jambeiro Costa.

A escolha do bairro de Perus para a instalação da fábrica se deu porque os cidadãos que compuseram a Companhia tinham interesses ligados à Companhia Industrial e das Estradas de Ferro Perus Pirapora. Havia também abundância de matéria-prima em Perus, o calcário, que era a mais vantajosa do ponto de vista da qualidade e quantidade/localização. Era possível a fabricação de um cimento de primeiríssima qualidade que vinha ao encontro de requisitos exigidos pela arte e pelas construções modernas.

Em outubro de 1958 devia ocorrer o reajuste anual do salário da Fábrica de Cimento Portland e das outras quatro fábricas de cimento construídas no Estado de São Paulo. Em 15 de outubro de 1958, a Cimento Portland foi alertada por um comunicado das outras fábricas de cimento, veiculado nos jornais, anunciando a alta do preço do produto, em virtude do ajuste salarial que estaria em vigor a partir de 1º de outubro. Este aumento do produto foi muito superior ao aumento salarial pedido pelos funcionários, o que começou a gerar impasse entre trabalhadores e patrões. Do ano de 1958 até 1962 tentaram-se negociações, que não trouxeram resultados positivos, gerando a greve.

Após todos os problemas com a greve, desde 1968, os moradores do bairro de Perus passaram a lutar contra a poluição gerada pela fábrica. Neste mesmo ano, foi intimada a tomar medidas contra a emissão de poluição, providenciando instalações de equipamentos antipoluentes.

Esta luta se deu em função das 120 toneladas de pó de cimento jogadas por dia na atmosfera. Porém, estas reivindicações também tiveram seu lado negativo, fazendo com que outras indústrias não procurassem o bairro para implantação de novas fábricas. Também tiveram seus reflexos na decisão de fechamento da fábrica no ano de 1973.

Formação do Bairro

Para abordar os ocorridos da primeira metade do século XX na região hoje conhecida como Bairro de Perus precisa-se conhecer um pouco da história deste local, onde se situou a Fábrica de Cimento Portland. Também deve-se conhecer as regiões vizinhas como o município de Caieiras e de Cajamar, estes também tendo sua importância, pois ofereciam a mão de obra para esta empresa.

O Bairro de Perus tornou-se município em 1934, porém seu povoamento começou bem antes, surgindo na primeira metade do século XVII, pois Afonso Sardinha descobriu ouro na região conhecida hoje como Jaraguá e situou ali moradia e exploração. Logo após, fazendas produtoras (do que?) e vinícolas foram se localizando às margens do rio Ajuá, como era conhecida a região de Perus. Nos séculos XVIII e XIX foi rota de tropeiros que seguiam do interior de São Paulo para o porto de Santos. O bairro começou a crescer como uma formação de entreposto e hospedagem. Isto levou a uma das histórias que cancelaram seu nome. Segundo a história, havia uma senhora (Maria dos Perus) que criava perus, e a mesma os servia para os tropeiros. Assim esta região ficaria apelidada de perus, mas o tupi-guarani também leva o crédito por esta nomenclatura, pois PI-RU significa apertado, à força, referindo-se ao ribeirão Ajuá que passava por um afunilamento do rio, causando uma correnteza e um grande barulho. Desta forma, a região habitada por indígenas, hoje conhecida como Jaraguá, levou o nome de Perus como localização geográfica do aldeamento indígena para os tropeiros.

A região no século XVII também foi grande produtora de diamante às margens do rio Ajuá e nas encostas de uma montanha hoje conhecida como Pico do Jaraguá; toda esta região era controlada por Afonso Sardinha (já citado acima), que enviava a produção de diamante para Portugal. Depois disso, Perus ficaria abandonado, continuando, entretanto, como entreposto de tropeiros e viajantes.

Perus, após o projeto de urbanização do município de São Paulo, realizado pelo primeiro prefeito, Conselheiro Antônio da Silva Prado, pertencia ao distrito da

Freguesia do Ó, situado à margem esquerda do Rio Tietê, tendo obtido sua autonomia como município no ano de 1934.

A formação do bairro havia sido provinciana e tinha as características de uma cidade interiorana com o estereótipo caipira. Fazendo jus ao conservadorismo social, possuía a praça, a igreja, o pequeno comércio de armazéns e o “*pegue e pague*”, tudo localizado no centro do bairro. Os habitantes ali se concentravam ocupados com as atividades sociais.

Com o crescimento de regiões ao redor do bairro de Perus e também com o fluxo de produtos do interior para o porto de Santos, a linha férrea, São Paulo Railway, construiu a estação de trem Perus, para abastecimento de água das locomotivas, assim aumentando o fluxo de pessoas que se deslocavam para trabalho ou vindo, mesmo, para morar na região. Estas pessoas começaram, então, a ter contato com outras culturas, pois como afirma Roger Chartier, “a cultura se multiplica a partir do momento que existem relações humanas diferentes”. (OBS: Você deve colocar a referência da citação de Chartier!)

Os italianos que chegaram à região de Perus descobriram um terreno geográfico com grandes minas de calcário e como um dos ofícios da cultura italiana era a “cantaria”, (trabalho com retirada e manuseio das rochas), começaram a exploração do calcário na região de Perus. Junto a isso uma pequena produção de cimento foi formada.

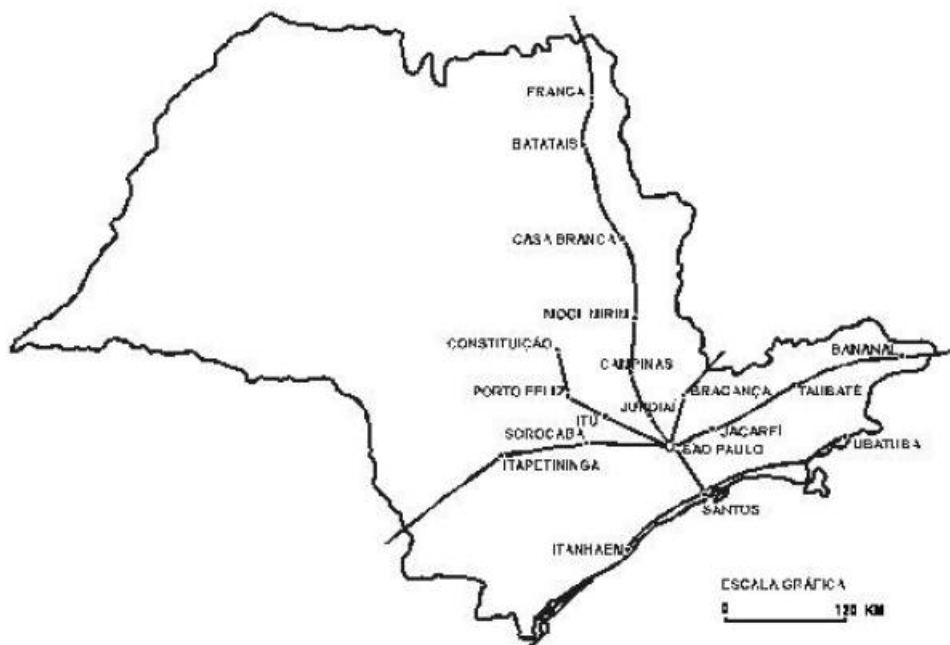
A estrada, hoje conhecida como Raimundo Pereira de Magalhães e Rodovia dos Bandeirantes, também influenciou no desenvolvimento econômico da região, com ofertas de terrenos baratos, pois estavam afastados do grande centro. Muitas das primeiras famílias chegaram ao bairro com o grande fluxo de imigração italiana, tendo sido seus primeiros moradores registrados, Jesuíno Afonso de Camargo, Edwiges Dias e também os senhores Di Sandro e Peccicacco.

Como mencionado acima, o bairro também teve crescimento com a Estrada de Ferro São Paulo Railway em 1867; a inauguração da estação de Perus teve sua importância para a formação econômica do bairro, sendo parada de abastecimento de água das locomotivas e também fator de crescimento de um

pequeno comércio local. O fluxo dos trens naquele momento estava voltado para o transporte de cargas não influenciando muito o aumento da população. Porém, quando o transporte urbano se expandiu, o fluxo populacional aumentou. A melhoria do transporte, levando e trazendo a população de Perus para o centro da cidade, abriu as portas do pequeno bairro para um pequeno fluxo migratório que aumentou a população no bairro. Empresas da região se beneficiaram com a estrada de ferro: a Indústria de Papéis Melhoramentos, a Fabrica de Pólvora da região de Perus, a região de Santana do Parnaíba e Pirapora do Bom Jesus (produtoras de calcário), e a Fábrica de cimento Portland, também irão se beneficiar com o transporte ferroviário.

Todas as linhas férreas do Estado de São Paulo passavam por Perus, fazendo este, então, parte do eixo principal, depois conhecido como Estrada de Ferro Santos Jundiaí.

ESQUEMA DAS VIAS DE COMUNICAÇÃO EM SÃO PAULO NA ÉPOCA DA INDEPENDÊNCIA



Fonte: mapa elaborado por Matos, 1981, p. 170.

Figura 1 mapas de ligação entre as cidades vizinhas ao eixo central ferroviário em Perus

Formação da Fábrica de Cimento Portland

A construção da fábrica de cimento na região de Perus pode se dizer que aconteceu por acaso inicialmente. A descoberta da matéria-prima deu-se a partir do momento em que o Sr. Sylvio de Campos e Mario Tybiriça solicitaram uma ligação da Estrada de Ferro Santos/Jundiaí com o município de Pirapora, facilitando a interligação da região com o município vizinho. Os seus intuitos eram variados: um, imposto por documentação, era para facilitar o deslocamento deromeiros para a região de Pirapora. Com a construção da linha férrea mais à frente de Perus, em uma região chamada Gato Preto, pertencente ao município de Cajamar, descobriu-se a formação mineral propícia em calcário; logo em seguida foram implantados alguns fornos de fundição de calcário para a transformação em cimento.

Os irmãos, Rafael Di Sandro e Cosmo Di Sandro, foram os primeiros exploradores de calcário na região, mantendo os fornos na região do Gato Preto e aumentando a exploração para a região próxima da estação de trem de Perus, e criando a Usina Perus de Caulim (mistura para cimento).



Figura 2 Mineração da Região do Gato Preto - Documentário particular dos Irmãos Di Sandro - Youtube.

A ideia de bairro monótono começava a mudar, pois a implantação de indústrias na região iniciava-se, com logística para abastecer em construção o grande centro de São Paulo; ficaria fácil, rápida e lucrativa a implantação de

empresas na região. O Brasil tinha um crescente processo de industrialização naquele período dos anos 1920; segundo José William Visentini, (Sociedade e Espaço pg 95, 99) o Brasil já era, então, “*um país urbano e industrial*”, pois as cidades estavam aumentando demograficamente e ampliando sua crescente indústria. Precisava-se agir em conjunto, e, assim, o incentivo privado e o governamental construíram a maior usina de cimento do país em um bairro onde imaginava-se não haver nenhum problema com a mão de obra, e com o meio ambiente.

Em 1924, o primeiro sinal de progresso chegou ao bairro de Perus com a construção da Usina de Cimento Portland, que trouxe para a população, emprego e o reconhecimento da importância do bairro. A fábrica foi construída com 70% de capital canadense e, segundo relatos de funcionários, foi o melhor período da fábrica. No ano de 1951 a fábrica foi vendida para José João Abdala (Secretário de Trabalho do governo Ademar de Barros).

Legalmente inaugurada em 1926, a fábrica foi responsável pela grande produção e distribuição de cimento para as grandes obras da urbanização paulista. Por haver grande interesse no cimento como produto, o governo abriu um consórcio entre a Fábrica de Cimento Portland, de cunho privado, e a Estrada de Ferro Santos Jundiaí, de cunho federal, de forma que se produzisse o cimento e que o mesmo tivesse um rápido deslocamento para as construções públicas, principalmente no centro de São Paulo. Para não haver demora, a ferrovia levou seus trilhos até dentro da empresa, forma usada por antigos barões do café, e muito utilizada ainda hoje por grandes indústrias como a Vale do Rio Doce. A imprensa se deliciava com as notícias da Fábrica de Cimento Perus, informando ser a mesma a maior do Brasil, a mais moderna do mundo, a que tinha melhor logística, etc. As notícias faziam brilhar os olhos de empresários com possíveis cifrões! Algumas obras públicas de São Paulo construídas com Cimento Portland foram: o novo Viaduto do Chá, todo o complexo do Vale do Anhangabaú, túnel e Avenida 9 de Julho, Biblioteca Mário de Andrade, Canalização do Rio Tietê, grandes edifícios na Avenida Paulista, entre outros.

Um dos paradigmas implantados no início da produção era um padrão europeu de indústria, com um controle acirrado sobre seus funcionários. Por ser

uma indústria moderna, precisaria importar mão de obra qualificada e instalá-la na região de Perus. J.J. Abdala, então, construiu a Vila Operária Triângulo, modelo de vila operária que se expandiu por outras regiões, como a Vila Operária de Gato Preto, Vila Fábrica e Vila Nova, todas obedecendo um esquema semelhante ao do fordismo. Abdala tinha controle de tudo o que acontecia com os funcionários de sua indústria, contando, também com a satisfação dos funcionários, pois sentiam-se participando de uma indústria de ponta, com modernidade e benefícios interessantes, como uma boa remuneração, participação em refeitórios melhorados, salas de jogos e descanso nos intervalos, ajuda familiar e outros.

Em uma dessas vilas operárias destacou-se uma pequena casa, conhecida como “casa de pedra”, que começou como uma escola, fruto de desavenças entre os donos da empresa e a população, que queria trazer educação para seus filhos; já os burgueses da fábrica enxergavam isto como núcleo de conhecimento e discórdia futura, porém, mantiveram a escola com influência e controle sobre ela. O que era para ser uma vila operária centenária - com direito a casinhas no estilo inglês, escola, igreja e até uma estação própria de trem - hoje se resume a muito entulho, esqueletos de concreto, paredes prestes a cair e memórias esquecidas. Parece mais uma cidade fantasma. Conhecido como Vila Portland, parte de uma imensa fábrica de cimento que deu suporte para o desenvolvimento de toda a cidade de São Paulo, o local apodrece na periferia de Perus, sem que ninguém dê atenção. Vislumbres do charme da década de 20, barulho de grilos e várias baratas se perdem por entre as rachaduras dos imóveis, todos tombados pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental.

[...] Os antigos moradores do bairro de Água Fria, em Cajamar, contavam com uma escola itinerante, onde a professora levava um pequeno quadro negro para vários lugares. A solução então, foi construir uma instalação que passou a ser chamada de casa de pedra, onde começou a funcionar o grupo escolar Suzana Dias, considerada a primeira instituição escolar de Cajamar. As salas amplas e frias, que antes atendiam apenas alunos de 3ª a 4ª série do ensino

fundamental, logo se tornaram insuficiente para atender a população. [...] Cajamar: Cidade de lutas e Conquistas. São Paulo: Noovaha, 2008.



Figura 3 casa de Pedra - Antigo Grupo Escolar Suzana Dias

Este período benevolente começou a sofrer decadência, a partir dos problemas com o congelamento do preço das sacas de cimento. Salários e benefícios foram sacrificados em prol dos proprietários e o aumento de capital. O patrão, Abdala, que se mostrou próximo dos trabalhadores no início, agora mantinha os mesmos à margem de parceria, utilizando ideais há muito esquecidos referentes ao mundo do operário e ao mundo burguês. Começava, assim, o abandono dos funcionários e iniciavam-se, então, negociações sem resultados iniciais.

Período de caos para os trabalhadores, segundo relatos de um dos líderes trabalhistas da fábrica. Foi um período de mortes, fome e descaso com os funcionários.

[...] O Doutor Sylvio de Campos desde 1915, em companhia do engenheiro Dr. Walter Charnley, vem estudando a possibilidade de instalar nas propriedades da Companhia uma usina de cimento. Os materiais necessários, a Companhia os possui em quantidade inesgotável e de uma pureza à prova de todas as análises

feitas aqui, nos Estados Unidos, no Canadá, na Inglaterra e na Alemanha.

Em agosto de 1923, os senhores Drysdale & Pease, de Montreal decidiram que o assunto bem merecia um exame mais completo. Daí resultou a vinda ao Brasil do Doutor M. M. Smith... (atual diretor gerente da Companhia Brasileira de Cimento Portland S. A.)... O doutor Smith, especialista em cimento, com a longa experiência de vinte e cinco anos de construção e direção de grandes fábricas de Cimento Portland nos Estados Unidos, no Canadá, Espanha e na França e com um excepcional conhecimento da química do cimento, era indubitavelmente a pessoa que devia vir ao Brasil para esse fim. Seguiram-se análises minuciosíssimas de diversos depósitos de calcários nos Estados de, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, depois dos quais se concluiu peremptoriamente que a matéria-prima encontrada em Perus era a mais aproveitável do ponto de vista de qualidade, quantidade e localização...

Em agosto de 1924 formou-se a “Companhia Brasileira de Cimento Portland S. A.”, composta de cidadãos brasileiros, com interesses ligados à Companhia Industrial Estrada de Ferro Perus Pirapora, e os associados do doutor M. M. Smith, sendo então nomeado o seu primeiro presidente, o doutor Sylvio de Campos, o Doutor Arthur Moreira Jambeiro Costa para vice-presidente e o Dr. Smith para o cargo de diretor-gerente.

O maquinário completo encomendou-se em dezembro de 1924, e o mês de abril de 1925 viu o cumprimento das plantas, o início da construção. Estes trabalhos infelizmente sofreram grandes demoras... porém... em 24 de abril de 1926 a fábrica... produzia seu primeiro cimento...

A Companhia Brasileira de Cimento Portland S. A...é indubitavelmente, de hoje, em dia, a fábrica mais moderna do mundo, tanto com respeito à ciência como aos seus maquinários modernos e eficazes... A Escola Politécnica

de São Paulo, a São Paulo Tramway, Light & Power Company, Limited, e o Mackenzie College submeteram o cimento “Brasileira” às mais severas experiências e são unânimes em reconhecer que não pode existir, nem jamais foi importado artigo melhor do que este. (documento da Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus dos anos 20, reproduzido no n.º 35 do Jornal de Perus/Jornal do Jaraguá, setembro de 1987, p. 1).

Mostrava-se um grande e ilustre morador de Perus, o Dr. Sylvio de Campos, com interesse na soma lucrativa da exploração do calcário da região de Perus. O novo projeto urbanístico de São Paulo também teve intervenção do senhor Dr. Sylvio de Campos. Além de participante na atuação da Light em São Paulo, também fez parte do projeto das avenidas do prefeito Prestes Maia.

A venda da fábrica dos Canadenses para José João Abdala, também teve a participação do Dr. Sylvio de Campos, mantendo-se ativo dentro da fábrica e ajudando em sua administração. No período houve um congelamento no preço da saca de cimento. Os donos de usinas tiveram que criar formas de obter lucro sem prejuízo para a fábrica. Começava o período de horror na Cimento Portland.

As greves começaram a ficar mais críticas, perigosas, e taxadas por grupos locais, como “queixadas, grupo de baderneiros que não estão satisfeitos com o que lhes é dado”

O terror começou com maus tratos, mortes e doença ocasionadas pelo pó de cimento, emitido no ar pela falta de manutenção das máquinas, ocupação militar e acordos entre burgueses e órgãos de repressão, (DEOPS) Delegacia de Ordem Política Social, segundo Elcio Siqueira, filho de queixada e Doutor em História pela UNICAMP.

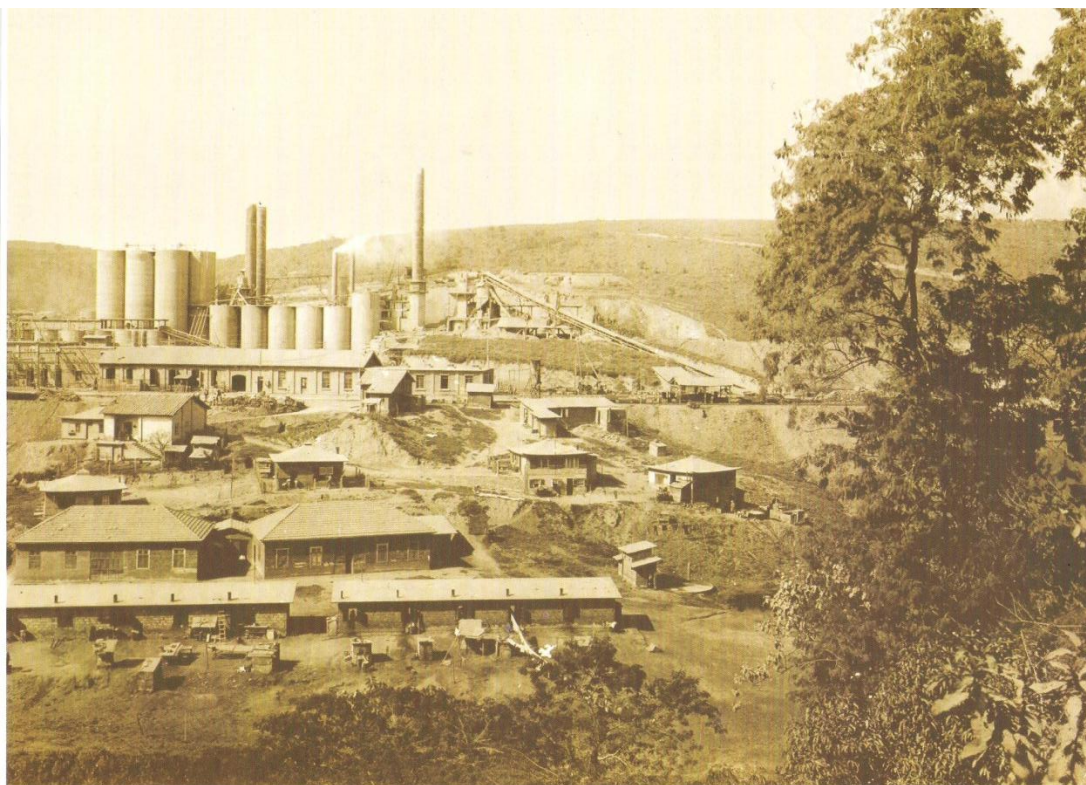


Figura 4 Vista da Fábrica de Cimento Portland em 1950

Conflitos – Greve, os noventa e nove dias

O cenário brasileiro passava por uma transformação, crítica para o sistema econômico, político e social no final dos anos cinquenta e começo dos anos sessenta. O presidente Jango, com uma visão varguista de apoio ao trabalhador, enfrentava ideologicamente os ideais conservadores da burguesia nacional. Porém, com o uso da mídia e da manipulação social, em 1964 os militares depuseram João Goulart e assumiram o poder. O crescimento industrial na era Jango mostrava-se crescente, sendo, contudo, a industrialização mais de cunho federal. Conseguia-se abrir benefícios para a população, mas esta, por mais que aceitasse a “esmola” governamental, possuía ideais conservadores em sua maioria. Os militares se aproveitaram disto, criando uma propaganda comunista vinculada a Jango, que perdeu o apoio de uma parte da população. Criava-se uma divisão ideológica não somente política, mas também social, dividindo classe média e trabalhadores; camadas médias e elite brasileira organizaram a marcha da “Família com Deus pela Liberdade”, expondo o conservadorismo, doutrinações religiosos e criticando qualquer manifestação de trabalhadores contra patrões e governo.

A Fábrica de Cimento Portland seguiu esse cenário, uma vez que possuía todos os personagens da trama: trabalhadores e um proprietário burguês, dono de outras fábricas pelo Brasil, José João Abdala. Este era empresário, latifundiário, banqueiro, construtor e industrial, sendo proprietário ou mesmo sócio de grandes indústrias pelo país. Alguns exemplos: Tecelagem Jundiaí, FAF fábrica de artefatos de ferro na região de Cajamar, CIA brasileira de óleos e minerais, Banco Interestadual, Banco Comind. Abdala era sócio da Cia. Vale do Rio Doce e, sobretudo, dono da empresa citada acima, Fábrica de Cimento Portland.

Junto com ele, na conjunção da Fábrica de cimento Portland, tem-se alguns nomes, conhecidos dos moradores do bairro de Perus, que hoje são tratados com respeito por terem deixado terrenos arrendados para a prefeitura utilizar como loteamento público: Doutor Sylvio de Campos, Doutor Arthur Moraes Jambeiro Costa, Senhor Clemente Neidarth, Senhor Arthur Furtado de Albuquerque Cavalcanti, Senhor Florindo Beneducci, Doutor Mario W. Tiririca, e,

posteriormente, Doutor Smith, vindo do Canadá para a compra de parte da Fábrica de Cimento Perus, que tornou-se a Companhia Brasileira de Cimento Portland S.A.

O trabalho na fábrica seguia em seu ritmo diário, sem nenhum problema, quando começaram os alardes de um grande problema sobre o congelamento de preços das sacas de cimento gerando desconfiança dos trabalhadores quanto à diretoria da Fábrica, pois congelando-se os preços, haveria um problema no reajuste salarial, já aprovado pelos sindicatos e pela diretoria.

O reajuste anual que ocorreria anualmente (p. 10) foi o precursor de todas as manifestações dos trabalhadores. A partir de então, muitas outras coisas foram acontecendo: novas manifestações, novos descontentamentos, novos descasos da parte dos proprietários com os trabalhadores, que serão abordados mais adiante. A primeira paralisação durou noventa e nove dias ininterruptos, com aceitação de uma grande maioria dos trabalhadores.

Em 1958, apesar das restrições impostas à estrutura sindical brasileira, havia um pouco de liberdade, e os trabalhadores podiam valer-se do direito de greve para conseguir o atendimento de suas reivindicações. Em 22 de outubro, os líderes sindicalistas e os proprietários da Fábrica de Cimento Portland quiseram saber se os trabalhadores estavam em greve livremente ou estavam sendo forçados às manifestações. Assim, foi proposta uma votação para mostrar se havia ou não o descontentamento com as normas da empresa e nova estrutura salarial.

Votação do dia 22 de Outubro para comprovação da aceitação da greve

Nº de votos	Branco	A favor da greve	Contra a greve
05			X
04	X		
680		X	

Periódico "O Estado de São Paulo" 30/06/1973"

Com esta votação expressiva, estava claro que a vontade da greve pelos "queixadas" era grande. Conseguiram, inclusive, apoio político de Jânio Quadros,

que andava pela região de Perus em busca de votos para sua futura campanha. Também conseguiram apoio da Ação Católica. Deve-se lembrar que esta ação católica não pode ser generalizada, pois os católicos que apoiaram a greve foram três padres: Padre Guilherme e Padre Pedrinho, do bairro de Perus, e Padre Bianchi, de Cajamar.

A partir desta greve é que o grupo grevista ficou conhecido como “Queixadas”, pois em uma das audiências o advogado da Fábrica de Cimento Portland, Nelson Coutinho, conhecido como caçador, exclamou:

- Vocês parecem “Queixadas”, porcos do mato que se agrupam em bando para amedrontar o caçador .[Frente Nacional do Trabalho, panfletário 1982].

Ironicamente, os trabalhadores estavam lutando contra o caçador, mas também contra as raposas astutas da Fábrica,

Chegou-se ao fim da greve no dia 29 de Outubro de 1958, quando foi elaborado um documento que assegurasse direitos dos trabalhadores no período pós greve.

Solicitações dos denominados queixadas:

- Reajuste salarial de 40%;
- Retorno ao serviço de todos os grevistas sem nenhuma retaliação;
- Pagamento dos dias de greve;
- Que se cumprisse a lei que dizia que a partir do 10º dia útil do mês, cada hora que o operário tivesse que ficar esperando pelo pagamento, depois da jornada de trabalho, corresponderia a uma multa;
- Pagamento da taxa de insalubridade fixada em 10%;
- Registro de 70 empregados que trabalhavam no corte de eucaliptos utilizados na indústria e que trabalhavam sem registros na carteira.

Benefícios conseguidos:

- Salário família; verba concedida à mulher e aos filhos que estivessem na escola;

- Prêmio produção; prêmio concedido se a média ultrapassasse 450.000 sacos de cimento por mês, (Observação: a produção melhorou, mas Abdala negou-se a pagar o prêmio).
- Casa Própria; venda de terras do J.J. Abdala para os trabalhadores, com desconto de 5% mensais nos salários, para a constituição do Fundo da Casa Própria, em que primeiro seriam atendidos os mais necessitados, sendo a construção da casa em mutirão. O grupo Abdala acolheu a sugestão que constou no acordo salarial de 1960.
- Política; a presença política dos trabalhadores, o povo vigilante, é a melhor segurança para evitar que seus representantes deixem de cumprir as suas funções.

Esta primeira paralização mostrou-se pacífica, mas após esta, outras vieram cada uma delas, mostrando o grande poder imposto pela diretoria e pelo dono da indústria Sr. J.J. Abdala. A demissão de um funcionário sem motivo interno – este admitiu não votar em J.J. Abdala para deputado –, e outras 80 demissões sem justa causa de trabalhadores que completariam dez anos de empresa, com direito de estabilidade segundo as leis trabalhistas, ocorreram novas revoltas dentro da empresa. Começaram novas greves: dez dias, negociações, mais 33 dias, outras negociações, e conflitos subsequentes.

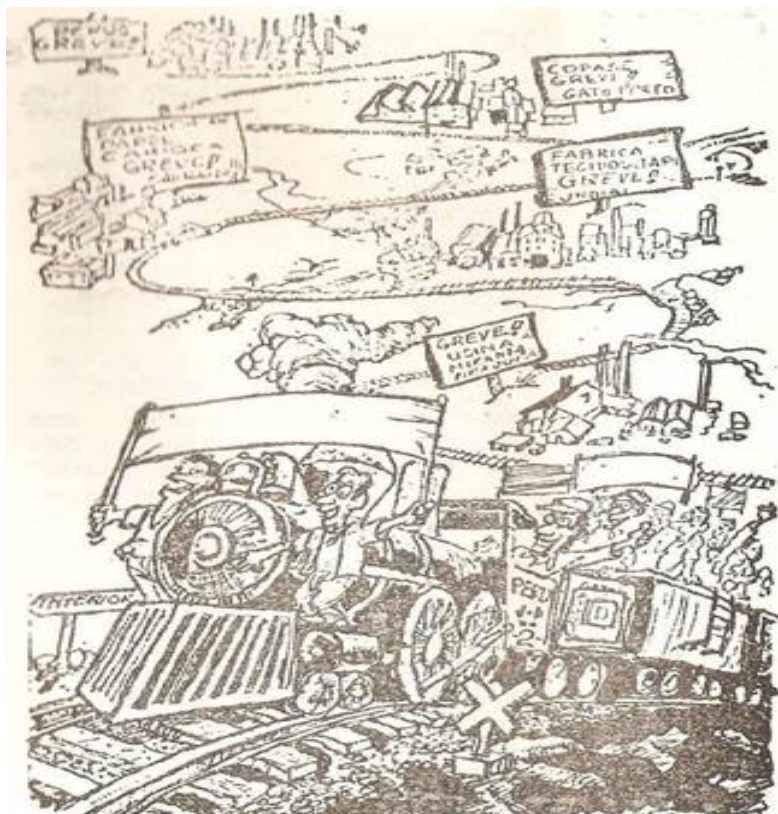


Figura 5 Charge panfletária para greve das indústrias Abdala – Panfleto da Frente Nacional do Trabalho

Conflitos - Greve - A greve até os dias finais da fábrica

Outro momento de greve foi mais tenso, em 1962, com a participação de mais quatro categorias profissionais, que integravam o grupo Abdala, e sofriam as mesmas injustiças relatadas por vários trabalhadores: atrasos de pagamento e condições desumanas de trabalho. Numa das categorias, os trabalhadores não viam o dinheiro, pois gastavam nos armazéns da empresa ou do bairro, uma vez que precisavam comprar comida para a família, e muitos companheiros de trabalho não tinham o registro em carteira.

Segundo Florestan Fernandes:

[...] No nível mais amplo, a noção de revolução tem de ser calibradas pelas classes trabalhadoras em termos das relações antagônicas entre burguesia e proletário dentro do capitalismo da era atual. A época das revoluções burguesas já passou; os países da periferia assistem uma falsa repetição da história: as revoluções burguesas em atraso constituem processos estritamente estruturais, alimentados pela energia dos países capitalistas centrais e pelo egoísmo auto defensivo das burguesias periféricas. Estamos na época das revoluções proletárias e pouco importa que ela só tenha aparecido nos elos débeis [...] Clássicos sobre a revolução brasileira/Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes – 1 ED; p. 61 – SP: Expressão Popular, 2007.

Esta afirmação de Florestan Fernandes mostra exatamente como o proprietário Abdala estava utilizando de suas indústrias, no caso a Fábrica de Cimento Portland, de uma forma anacrônica. De outro modo, os trabalhadores utilizavam de ideias modernas para a resolução de seus problemas. A luta de classes existia naquele momento. Porém, de uma maneira diferenciada de séculos passados, o burguês não estava mais em seus castelos de luxo, mas morava em bairros onde também possuía suas empresas, formando uma classe de burguês urbano, com convívio e contato com a população, tendo que tratar estes funcionários de uma forma mais digna.

A greve da Cimento Portland continuou e as outras indústrias Abdala voltaram ao trabalho, não como desistência, mas como forma de ajudar os que permaneciam na greve da Portland.

Quando estes funcionários das outras empresas voltaram a trabalhar, J.J. Abdala procurou alguns dos grevistas, e foi descoberta a ligação de alguns dirigentes do sindicato com o partido comunista.

No sindicato dos trabalhadores das Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo, conhecido como sindicato de Perus, estavam trabalhadores que haviam participado já da primeira paralização. Eles discutiam não só a reivindicação salarial, mas também a formação de consciência entre todos da fábrica e a união e solidariedade da classe.

A maioria dos patrões não cumpria as leis trabalhistas e não respeitava os direitos dos trabalhadores.

A greve teve início em 14 de Maio de 1962, às 03:00h da manhã. A paralização seria às 06:00h, mas a repressão começou mais cedo pelos donos da empresa, que acionaram a polícia desde as 02:00h da manhã, ocupando a fábrica com 200 policiais. As discussões sindicais continuaram em assembleias, e os representantes da indústria do Japi (Jundiaí) recusaram-se também a voltar a trabalhar, pois não confiaram nas palavras dos representantes da empresa, afirmando que só voltariam ao trabalho, se o caso da greve de Perus fosse resolvido. Assim continuaram discussões em assembleias e a fábrica parada, até que, com uma negociação entre os queixadas e os representantes da Japi, estes voltaram a trabalhar.

Alguns acordos começaram a surtir efeito; os dois primeiros foram referentes à greve e a necessidade imediata dos trabalhadores de retorno ao trabalho, sendo atendidas todas as reivindicações. Atendendo as demandas, o patrão teria um tempo dado pelos queixadas para regularizar todas suas pendências financeiras com os trabalhadores.

Iniciativas aumentaram para conseguir apoio e verba para manter a greve; muitos funcionários começaram a passar necessidade, pois não tinham mais o

que comer. As esposas faziam “bico” para conseguir algum dinheiro; mulheres costuravam em casa, saíam para trabalhar no centro da cidade, faziam doces, cozinhavam para fora de casa. Tudo para ajudar nas finanças e dar apoio ao seus maridos na greve. Alguns queixadas percorreram algumas cidades do interior, buscando formas de apoio, como contribuição para fundos de greve, e procurando apoio maior dos novos funcionários, que não estavam enquadrados na lei da estabilidade. Estes assumiram a luta ao lado dos companheiros estáveis, mostrando que não eram os funcionários antigos que estavam fora de uma zona de conforto, mas que existia uma insatisfação de toda uma classe trabalhadora, que estava sendo esquecida e usurpada pelo poder burguês.

Durante meses os trabalhadores conseguiram manter um ritmo de passeata e viagens pelo interior de São Paulo e até outros Estados, buscando solidariedade de grupos como trabalhadores, estudantes e mesmo a população em geral ou qualquer um que estivesse familiarizado com o caso dos queixadas. Os grevistas mais velhos, que não tinham como ficar viajando, por motivo de saúde ou mesmo familiar, ajudavam de formas variadas. Muitos aprenderam a costurar com suas mulheres; cozinhavam também, faziam artesanatos, e tinham apoio do sindicato em razão de sua forma financeira e física. Todo este trabalho para manter as famílias e mesmo levantar fundos de greve foi intenso.

Porém, as coisas se dificultaram para os manifestantes, pois a diretoria da empresa circulava na cidade, pagando comerciantes locais para atrapalhar a vida dos queixadas. Os comerciantes eram proibidos de vender produtos para os queixadas; mulheres que mantinham mulheres de queixadas como empregadas domésticas as demitiam; até crianças que apoiavam os seus pais queixadas nas escolas eram motivo de perseguição com notas e pilhagem.

[...] A revolta dos operários contra a burguesia seguiu de perto o desenvolvimento da indústria e atravessou diversas fases. Não é este o lugar para indicar a importância histórica desta luta para a evolução do povo inglês, reservo a abordagem desta questão para um trabalho futuro, por agora, limitar-me-ei, os fatos puros e simples para que

me possa servir para caracterizar a situação do proletário inglês.

A primeira forma mais brutal e estéril que esta revolta assumiu, foi o crime. O operário vivendo na miséria e na indigência, viam que os outros desfrutavam de existência melhor. Não podia compreender racionalmente o porque precisamente ele, fazendo pela sociedade, o que não faziam os ricos ociosos, tinham de suportar condições tão horríveis. E logo a miséria prevaleceu sobre o respeito inato pela propriedade: começou a roubar. Assim o aumento da delinquência, acompanhou o crescimento da indústria.

Com esta formação de “protesto” e necessidade de sobrevivência a sociedade abatia sobre o indivíduo, esmagava-o com sua enorme potência.

Outro passo de manifestação é a revolta contra as máquinas, também sem grande sucesso inicial, a qual os operários atingiam seu objetivo imediato, prejudicando um futuro próximo a ele mesmo; em uma Europa com a demografia crescente pela grande revolução industrial, uma fábrica a menos era um número maior de concorrente no mercado de trabalho, sendo este manifestante tachado de perigoso dentro de uma outra fábrica [...] Engels Friedrich – A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra – PP. 248 / 249 – São Paulo – Boitempo, 2008

Engels e Thompson mostraram trabalhadores usurpados, em uma época em que as mudanças eram gestadas em torno das tecnologias de produção, estando as indústrias em alta e sendo a burguesia a comandante de tudo o que ocorria nas cidades, desde o comércio, educação, estabelecimentos públicos e, em alguns locais, até mesmo dominando a religião. Tudo isto intensificou a luta de classes. Problemas ocorreram com a indústria e, principalmente, com burgueses

que não possuíam nenhuma preocupação com a exploração do trabalho alheio; as formas de manifestações ainda eram momentâneas, não havendo preocupação com o dia de amanhã.

Engels e Marx explicaram o sistema fabril mostrando o trabalhador como o proletário oprimido de grande importância para a produção e o capacho do sistema de indústrias. Já Thompson mostrou o trabalhador também oprimido, mas como um personagem parte da indústria, a necessidade total do operário para o sistema de produção, abordando também a necessidade dos burgueses falarem a “língua” dos trabalhadores, apresentando burgueses e operários como uma grande engrenagem funcionando em um único ritmo, o do lucro do capital e o da satisfação do operário. Thompson, também discutiu as questões de opressão do burguês sobre o operário, sendo rápida a atitude do proprietário diante de qualquer tipo de manifestação operária. Marx, Engels e Thompson estudaram os mesmos personagens em questões e visões diferentes.

Os queixadas foram diferenciados em relação ao modelo clássico de proletário; o cenário era o mesmo, a luta de classes. Entretanto a forma de manifestação foi mais centrada na solidariedade. Os queixadas estavam em um período em que existia uma lei trabalhista. Podia ser falha, mas existia e poderia embasar sua luta. Não podiam quebrar o local, pois pensavam em como seriam mal vistos nesta posição de grevistas e depredadores do patrimônio privado. Ficariam sem emprego duas vezes: uma vez porque seriam demitidos por justa causa, outra porque não trabalhariam na fábrica que estaria destruída. A forma de modelo de operário que se formou entre os queixadas foi aquela do grevista com opinião pública positiva, com carisma e sem violência. Mostrando que queriam trabalhar, trouxeram à público a visão negativa e exploratória das indústrias Abdala.

Tendo os trabalhadores a seu favor a opinião pública, só sobraria um demonizado da história, J.J. Abdala. Além de os operários se mostrarem pacíficos, panfletos, tarjas em jornais regionais, notas de falecimento, “causos”, relatos no bairro, mostravam o quanto a Fábrica de Cimento Perus estava denegrindo a imagem da população e dos trabalhadores. A fábrica que um dia chegou como a luz do progresso para um bairro afastado e conservador, passou

a ter uma imagem negativa, com sua poluição e os maus tratos aos seus trabalhadores.



Figura 6 Acúmulo de pó de cimento em casa na região de Perus <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/9792-cimento-portland#foto-184629>



Figura 7 Atuação feminina no centro de São Paulo

<http://www.saopaulourgente.blogspot.com.br/>

A greve manteve-se quente, ativa. Contudo, com problemas com policiais e exército (capítulo 6), inclusive com o enfraquecimento da greve, no dia 21 de agosto, 15% dos grevistas furaram a greve, voltando a trabalhar. A cifra correspondia a um total de cento e quinze funcionários aproximadamente.

Desses trabalhadores, a maioria correspondia aos que ocupavam cargos de chefia. Trouxeram também jovens e outros operários de regiões vizinhas.

Assim, a fábrica voltou a funcionar a todo o vapor com produção abaixo do comum: cerca de mil sacos de cimento por dia, sendo a média vinte mil por dia antes da greve. Os jovens não tinham nenhuma experiência no tipo de trabalho e as pessoas da chefia, em sua maioria, nunca haviam chegado próximo a um forno de fundição de calcário, tendo resultado nos primeiros dias de funcionamento, o ferimento de um rapaz. O cansaço para estes novos trabalhadores era visível: eram obrigados a trabalhar por 24 horas seguidas. A fadiga fizera com que o rendimento caísse; a atenção e a tensão pioraram até que ocorreu a morte de mais um rapaz por estafa, tendo o cansaço e o excesso de trabalho assassinado mais um operário da Fábrica de Cimento Portland. A tensão aumentou e as mulheres dos grevistas, também participantes intrínsecas desta greve, fizeram uma passeata no centro de São Paulo, denunciando o silêncio das autoridades a respeito de como a fábrica estava burlando as poucas leis trabalhistas existentes no período e a impunidade aos seus senhores, *burgueses urbanos* como dizia Eder Sader. Após as manifestações no centro da cidade e depois de cento e vinte dias de greve, houve a primeira audiência do Ministério do Trabalho, entre empregado e empregador.

A aliança entre políticos e Abdala justificou muitas das demoras de reconciliação. A impunidade do jogo sujo, já abordada no texto, as dificuldades de sobrevivência dos queixadas e suas famílias agravavam a situação. Conhecida como *lista negra*, criada pelo J.J. Abdala, a lista apontava manifestantes de modo negativo. Os grevistas e suas famílias passaram a ser mal vistos no meio público.

Os conflitos entre manifestantes e policiais foram aumentando e algumas prisões começaram, pois alegava-se que os grevistas estavam perturbando a ordem e interferindo no avanço do progresso, uma visão extremamente positivista da situação posta. No mesmo período dessas prisões, foi suspenso o habeas corpus para qualquer manifestante da greve, também ocorrendo a evacuação da porta da fábrica e do largo de Perus (praça Inácia Dias). Os manifestantes, então, de uma forma pacífica, sugeriram uma greve de fome, porém não para todos. Como uma pequena tática utilizou-se alguns manifestantes, enquanto outros se

mantiveram fortes para enfrentar qualquer tipo de reação. Como não podiam ficar na frente da fábrica e também na praça representativa do bairro, seguiram para o centro de São Paulo; um grupo permaneceu no Largo São Francisco e outro foi para a frente do Palácio do Governo. Existia uma lei entre os queixadas que impedia qualquer reação, caso ocorresse violência dos militares; eles não podiam reagir diante da truculência policial. Mantiveram-se, assim, na frente do Palácio do Governo, por toda a madrugada. Às 4:00h da manhã, quando havia menos gente no acampamento, a polícia apareceu e espancou todos os manifestantes e só parou quando um pareceu morto. Sem nenhuma reação dos queixadas, os policiais colocaram três dos líderes identificados como, Breno, Edgar e Sebastião, em uma viatura. Ficaram circulando com eles durante todo o dia, abandonando-os em um local isolado de São Paulo na região da zona sul.

A greve começou a se tornar insustentável. Orientados pela direção do movimento e sindicatos, os grevistas começaram a procurar novos empregos. Entretanto, o conservadorismo das empresas dificultava a obtenção de um novo emprego, pois os queixadas levavam em seu currículo, o nome da Fábrica de Cimento Portland. Automaticamente taxados de baderneiros, grevistas e perturbadores da ordem e da segurança, as pessoas foram se afastando de Perus, pois não conseguiam empregos na região. Assim o pouco tempo que tinham em casa era dedicado à família, deixando o movimento em segundo plano.

Portanto, os movimentos de rua, piquetes e mesmo a violência enfraqueceram, restando somente o debate político.

Em 1964, com o golpe militar, as coisas se tornaram difíceis para os trabalhadores; muitos sindicatos foram fechados, inclusive o Sindicato de Perus, que foi lacrado, tendo sido presos Breno, Edgar, e Rafael.

As coisas começaram a ser mostradas em jornais como se os trabalhadores fossem os errados da história, pois nas fábricas, além dos queixadas, existiam os “*pelegos*”, os que aceitavam as ordens sem reclamação e os que furavam as greves; estes publicavam matérias pagas nos grandes jornais, apoiados pela TV. A dispersão dos trabalhadores da fábrica para novos empregos e a continuação do processo jurídico, mesmo sem os piquetes, foram tratados

como formas de combatividade e quase uma vitória, pois todos os arquivos jurídicos desta instância costumavam se perder neste período.

Durante 5 anos, os trabalhadores da Fábrica de Cimento Portland, apelaram até o último recurso jurídico para ganhar os processos. E o resultado mostrou claramente os limites da Justiça do Trabalho na defesa dos trabalhadores. O julgamento do processo teve dois resultados diversos: alguns trabalhadores ganharam e outros perderam. Os companheiros estáveis ganharam a causa e voltaram a trabalhar em janeiro de 1969, com direito de receber o salário de 1962 à 1969; uma parte dos não estáveis, com menos de dez anos de fábrica, ganhou e outra parte perdeu; os que ganharam receberam indenizações, pois o juiz Mascaro Nascimento não considerou seus atos como falta grave. Os que perderam, segundo o juiz, haviam cometido falta grave perante o patrimônio.

O resultado dos processos, pelo menos em parte, foi um reconhecimento da luta, à medida que a própria Justiça do trabalho foi forçada a tomar uma posição que favorecesse os trabalhadores; a persistência dos companheiros fez com que um mínimo, pelo menos, fosse conquistado na Justiça Trabalhista.

Em 1969 após a sua readmissão, os queixadas estáveis iniciaram um movimento de solidariedade para com os companheiros que haviam perdido o processo, buscando conseguir indenizações para seus companheiros, através de um acordo no aumento da produção.

Assim, as manifestações continuaram. Abdala fez de tudo para não pagar os salários dos estáveis e a Frente Nacional do Trabalho continuou denunciando as fraudes e os crimes de J.J. Abdala.

A repercussão do caso foi tão grande que o Sindicato de Perus sofreu novas intervenções. O companheiro Mario Carvalho, advogado e um dos responsáveis pelo sindicato, foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, tendo a Frente Nacional do Trabalho enviado uma notificação à OIT (Organização Internacional do Trabalho) contra estas intervenções, que não surtiu resultado de imediato.

A luta continuou, e a persistência dos trabalhadores forçou, em 1974, o governo a confiscar a Fábrica de Cimento Portland e todo seu terreno, produtor de calcário e eucaliptos. Com o confisco da fábrica, o governo pagou a dívida devida aos trabalhadores. Foram restituídos 18 bilhões de cruzeiros aos queixadas estáveis, que receberam o montante e entregaram uma parte do dinheiro aos companheiros que tinham perdido o processo, pois por mais que não estivessem mais presentes na fábrica, tais trabalhadores foram de grande importância para o levante; mesmo depois de demitidos e desempregados, mantiveram a lealdade aos queixadas. Houve uma repercussão nacional da forma de greve adotada pelos queixadas: diferente dos piquetes comuns em portas de fábricas ou em grandes espaços públicos que sempre geraram conflitos, eles buscavam o apoio de outras cidades, pediam ajuda, não se mostravam violentos e sempre ressaltavam os maus tratos do patrão contra os operários. Eles procuraram uma forma pacífica baseada nos ideais de Mahatma Gandhi, conseguindo dessa forma a aceitação popular.

As atividades criminosas do “mau patrão” J.J. Abdala representaram um longo desafio judicial. Um levantamento completo de sua ficha policial em quase 30 anos pode incluir cerca de 400 inquéritos, queixas-crimes e outras ações judiciais.

Foram estas as principais acusações contra ele na justiça:

- 1- Em abril de 1944, foi acusado do crime de transporte clandestino de gasolina na cidade de Andradina. Mas o Tribunal de Segurança Nacional encaminhou o processo ao conselho nacional do petróleo.
- 2- Em junho de 1944, foi enquadrado na lei de Segurança Nacional na cidade de Penápolis. Mas conseguiu o arquivamento do processo.
- 3- Em setembro de 1944, foi denunciado por crime contra a economia popular na cidade de

Andradina. Mas o inquérito ficou arquivado no Tribunal de Segurança Nacional.

4- Em 1959, foi acusado de crime de invasão de terras na cidade de Santana de Parnaíba. Mas escapou da condenação por habilidade de seu advogado.

5- Ainda em 1959, foi denunciado por crime de apropriação indébita na cidade de São Paulo. Mas conseguiu arquivamento do inquérito.

6- Em fins de 1965, o então Ministro do Trabalho Peracchi Barcelos ordenou a instalação de vários inquéritos policiais contra J.J. Abdala. Mas os resultados dos inquéritos não aparecem, estranhamente, no arquivo do antigo Departamento de Investigação (atual Departamento Estadual de investigações Criminais), da Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo.

7- Em 1966, foi acusado de crime contra a lei de greve, com base em inquérito policial da Delegacia de Polícia da cidade de Pirajuí.

8- Em abril de 66, foi denunciado por publicar, na Gazeta Mercantil, um balanço de sua firma industrial assinado por Salomão Farage, que já havia morrido em agosto de 64.

9- Ainda em 1966, foi indiciado por crime de apropriação indébita, na cidade de São Paulo.

10- Também em 66, por ordem do Chefe do Ministério do Trabalho, Peracchi Barcelos, o então Procurador Onésimo Silveira acusou J.J. Abdala destes crimes: atentado contra a liberdade de associação, coação durante processo judicial, apropriação indébita e frustração de direitos garantidos por lei trabalhista.

11- Em abril de 67, J.J. Abdala foi preso por crime de falsidade ideológica. Mas ele conseguiu mostrar que havia sido vítima de um equívoco e, por isso, recuperou sua liberdade.

12- Em setembro de 67, o juiz Nilton Silveira, de Pirajuí decretou a prisão preventiva de J.J. Abdala, acusado com o crime de falência fraudulenta de sua Usina Miranda. Mas o réu não foi encontrado pela polícia.

13- Ainda em 1967, foi acusado do crime de estelionato, por haver ficado com uma parte dos salários de seus empregados para pagamento de um terreno que não lhe pertencia. O julgamento desse crime já está em fase final, na 1ª Vara de Justiça da Comarca de Jundiá.

14- Também em 67, recebeu a denúncia de dois crimes: apropriação indébita e violação das normas

de organização do trabalho. A apropriação indébita consiste de contribuições devidas ao INPS. Por isso, o julgamento está entrando na 3ª Vara da Justiça Federal, em São Paulo.

15- Em 1969, denunciou falsamente advogados e trabalhadores; a Subcomissão Geral de Investigações os conservou presos na Base Aérea de Cumbica, até que foi apurada a falsidade da denúncia e determinada a libertação dos presos.

16- Em dezembro de 69, o juiz Roberto Rubens Correia condenou J.J. Abdala a um ano e meio de prisão, por crime de falência fraudulenta de sua Usina Miranda. Mas o Tribunal de Justiça julgou extinta a punição.

17- Em 1971, o juiz Laurindo Minhoto Neto condenou J.J. Abdala a dois anos e cinco meses de prisão, por crime de corrupção. Mas o réu conseguiu indulto.

18- Em março de 1973, o Diário Oficial da União publicou esta acusação do Ministro da Fazenda contra o grupo de empresas de J.J. Abdala: “Desafiando qualquer princípio ético, o referido grupo recusa-se obstinadamente a recolher impostos devidos, há vários anos, aos cofres públicos, enriquecendo-se ilicitamente com a retenção das quantias devidas ao Erário”. “O grupo

Abdala não publicou balanços, não promove assembleias e não renova diretorias com mandatos vencidos”.

19- Há pouco tempo, dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores na indústria de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo encaminharam à Presidência da República uma série de queixas-crimes contra J.J. Abdala:

“ a) Costuma diminuir os salários dos trabalhadores

b) Impede a sindicalização deles, acarretando a perda de bolsa de estudos, que só é concedida a sócios de sindicatos.

c) Tem vigias para denunciar e despedir trabalhadores, que se aproximam da sede do sindicato.

d) Atrasa o pagamento dos operários de sua firma SOCIAL S/A não garantidos por sentença que sujeita o grupo Abdala a multa diária por atraso de pagamento de salários.

e) Não cumpre as decisões da comissão interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), segundo as normas da legislação federal.

f) Obriga os operários a trabalharem com permanente risco de vida

- g) Embora regularmente convocado não comparece à Delegacia Regional do Trabalho.
- h) Recusa-se a pagar o dia de trabalho que seus empregados ocupam em depoimentos exigidos pela justiça.
- i) Humilha testemunhas de processos judiciais ou dispensando-as do emprego, ou obrigando-as a executar serviço inferior, durante o período de aviso prévio.
- j) Permite que seu chefe do Departamento de Pessoal - um ex-delegado policial - convoque a polícia para interferir em questões trabalhistas
- k) Provoca um permanente sentimento de insegurança e intimidade entre seus empregados, forçando-os a perda de confiança nos três Poderes da República. – (Oliveira, Persivaldo da Silva – Movimento dos Trabalhadores na Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus – 1958 à 1962; Trabalho de conclusão de curso – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – 2009).



Figura 8 Manifestação na portaria da Fábrica de Cimento Portland 1967 - <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/9792-cimento-portland#foto-184627>

Participações políticas e sociais a favor dos manifestantes

Desde o início da greve em 1958, os queixadas tiveram apoio de várias formas: o apoio mais próximo que se pode abordar foi o da família. As famílias foram atuantes em favor de seus filhos e maridos de modo extremamente positivo. A atuação destas famílias muitas das vezes restringia-se à manutenção do lar, cuidando dos filhos, conseguindo alimento quando necessário e possível, utilizando da administração financeira e logística. Mas quando era preciso, saíam as ruas em defesa de seus filhos e maridos, como se mostrou no capítulo anterior em relação à ação das mulheres no centro de São Paulo. As mulheres, além de exercer sua função no próprio lar, ainda cuidavam do lar de outras pessoas. Levantando fundos para sua própria residência e também distribuindo dinheiro para o fundo de greve, auxiliavam famílias que não tinham a mesma sorte, porque as suas mulheres e seus filhos não conseguiam empregos para manter o lar. Muitas mulheres que tinham ofícios ou eram conhecidas como boa cozinheiras, faziam coisas para vender em outros bairros como tabuleiros de doces, renda, roupas, e outros pequenos utensílios; muitas delas ensinaram seus filhos e maridos a cozinhareem e costurarem para acumularem capital e dividir com seus companheiros queixadas.

[...] As relações existentes entre homens e mulheres dentro de uma sociedade constituem-se em relações de poder que produzem o sistema de dominação de um grupo social sobre o outro. A sociedade é concebida como palco de disputas pelo poder simbólico entre dominantes e dominados, sendo ela dividida em diversos campos como o político, o social o econômico, o artístico e o religioso [...] Bourdieu, Pierre – A Dominação Masculina – 2ª – Bertrand Brasil – Rio de Janeiro 2002



Figura 09 Mãe e crianças queixadas em enfrentamento com policiais.

Homens e mulheres romperam o imaginário cultural de uma sociedade anacrônica, assumindo papéis iguais, internamente e externamente, pensando em um bem comum em seu âmbito familiar e pode-se dizer que também social, pois a participação de todo acúmulo de capital era para a família e para o grupo de queixadas, e dentro deste grupo havia respeito mútuo.

[...] Um memorial solicitando a encampação como única solução para a greve recolheu mais de 150 mil assinaturas. (FNT, maio de 1980, pp. 24-31, grifos, nossos). Para sustentar materialmente a luta, foram criadas uma pequena fábrica de gaiolas na sede do sindicato, e uma oficina de costura para as mulheres sob a orientação de um frei franciscano. Repetiam-se as passeatas e viagens pelo interior do Estado em busca de apoio. O movimento – mais uma vez – dispunha de considerável espaço na cobertura diária da grande imprensa, especialmente nos jornais, O Estado de São Paulo, Correio Paulistano, Diário Popular e Última Hora; com este último empenhando-se ativamente na campanha de arrecadação de fundos em prol da luta operária na Perus [...] (FNT, maio de 1980, p. 23-5).

Outro grupo de importante menção, apoiador dos queixadas, foram os professores e estudantes da USP (Universidade de São Paulo). Quando, no início da greve, parte das primeiras reivindicações foi referente à poluição do bairro, médicos e estudantes de medicina disponibilizaram parte de seu tempo a clinicar

para os queixadas e suas famílias; entendiam que os problemas com o pó do cimento, extremamente tóxico, eram graves e ministravam remédios, conseguindo vários apoios de médicos particulares para os doentes, não só queixadas, mas moradores do bairro em geral. Os professores e estudantes também apoiaram queixadas em suas viagens pelo Brasil; conversando com parentes conseguiam lugares para estes queixadas pousarem durante sua peregrinação para arrecadação de dinheiro e de apoio; alunos muitas vezes viajavam junto desses queixadas.

O interesse e a solidariedade foram se espalhando pelo campus, e, assim, outros cursos começaram a apoiar o grupo: advogados, engenheiros e médicos uniram-se pelo mesmo ideal, isto é, contra a exploração do trabalhador. Quando a greve tornou-se mais crítica, alunos da USP participaram das passeatas e piquetes, dando apoio aos grevistas, engrossando o número do contingente, e mostrando a preocupação pela causa dos queixadas.

Alguns sindicalistas também mostraram sua união e solidariedade para com os queixadas e o Sindicato de Perus. Ajudavam com fundo de greve, apoio jurídico e apoio das cooperativas. Alguns dos sindicatos que apoiaram os queixadas foram os dos ferroviários e dos metalúrgicos do ABC, que apoiaram ativamente os grevistas da Cimento Portland.

Grupos de intensa atuação foram os grupos religiosos, voltados para uma linha de ação conhecida como TL (teologia da libertação) e a CJP (Comissão Justiça e Paz). Agiram em conjunto com a comunidade e os grevistas, para a resolução de problemas como piquetes, pois a visão de um religioso à frente ocasionava o respeito do lado contrário, militares e patronato. Um dos maiores representantes religiosos nessa ocasião foi o Padre Bianchi. De uma ordem religiosa, dedicava-se a ajudar os queixadas, e fazia isto correndo risco, pois era de uma instituição conservadora e estava ajudando e representando o grupo “radical” como dizia Ademar de Barros. Bianchi enfrentou os militares e o próprio J.J. Abdala a favor dos queixadas; arrecadava alimento e vestimenta, ajudava também instruindo ideologicamente os participantes. Um dos fatos mais importantes nesta ajuda se deu quando este padre entregou o “Cálice Sagrado”, onde se armazena a hóstia, feito em ouro e cravejado de pedras valiosas, para

vender e arrecadar fundos de greve e ajudar os necessitados. O objeto não foi vendido e nem trocado, estando ainda em mãos da comunidade religiosa participante da greve. Padre Bianchi teve outras grandes participações: escondia grevistas que estavam sendo perseguidos e os ajudava em sua fuga. Portanto, se tornou símbolo real de verdadeiro religioso frente ao imaginário da população.

[...] O Padre Bianchi merecia um busto em Cajamar, pois ele arriscou sua carreira na igreja. Conseguiu ajuda do exterior com comidas e roupas, por que os auxílios no Brasil estavam muito ruins devido à Ditadura Militar. Tudo tinha que ser feito na “surdina” para que as doações não fossem boicotadas. O padre dava sua batina para as mães queixadas fazerem roupas para as crianças. Sem contar que ele doou o dinheiro da construção da casa paroquial para suprir as necessidades dos queixadas [...] Mario Carvalho de Jesus – advogado e líder dos queixadas (in memoriam).

O Padre Bianchi, como era conhecido na comunidade, foi sem dúvida uma das pessoas mais atuantes na grande greve. Além de padre, fazia o papel de conciliador nas disputas entre queixadas e pelegos e era sempre chamado para acalmar os ânimos em algumas situações. Teve um fato que mereceu ser registrado: a presença do padre em uma famosa disputa de uma final de campeonato amador, entre os dois rivais, o Esporte Clube Cajamar e o Esporte Clube Portland O padre Bianchi foi convidado a dar a bênção antes da partida e pedir aos jogadores que só jogassem bola. Ele foi a luz religiosa para os queixadas, que conseguiram se apoiar no misticismo e fortalecer a fé.



Figura 10 Padre Bianchi, símbolo religioso das manifestações queixadas.

[...] As lideranças comunitárias destacam a importância da greve como possibilidade de reivindicar direitos de forma organizada e não violenta: porque eu acho que através da greve, né, que a pessoa vai tá reivindicando seus direitos, então é uma importância muito boa, acho a questão da greve, desde que seja uma coisa organizada, né, preparada e sem violência eu acho muito bom. Notamos ainda que a memória coletiva das lideranças comunitárias está centrada no componente de consciência política voltado para a estrutura social, na qual as pessoas atribuem significados a situação social enquanto na memória dos netos e na identificação social dos netos é o elemento mais forte. No caso dos sindicalistas essa identificação com os Queixadas é acompanhada de um forte sentimento de classe, nos quais componentes da consciência, como interesses e antagonismos, estão muito presentes. Observa-se nos relatos dos sindicalistas como é forte a consciência de que são da classe trabalhadora e têm direitos para reivindicar.

- Maria Odila Leite da Silva - Identidades plurais de São Paulo – 1998 / 2001 – Tese de Doutorado e Mestrado, tendo, Nicolau Sevcenko - Integrante / Elias Thomé Saliba

- Integrante / Maria Ignez Borges Pinto - Integrante / Maria Odila Leite da Silva Dias como coordenadores [...].

O diferencial desse grupo sindicalizado e desses grevistas era que não buscavam intervenções políticas. Quando políticos apareciam para vampirizar os trabalhadores, os líderes sindicais e, mesmo os grevistas, conversavam com eles e pediam que se retirassem do local. Se quisessem apoiar, aceitariam de bom grado, mas queriam manter-se apolíticos; assim, não teriam nenhum problema maior com o governo e mesmo nas negociações com o patrão.

Todos os grupos que participaram da ação dos queixadas contribuíram ideologicamente. Os manifestantes tinham o apoio da população, não atuavam com violência, estavam lentamente conseguindo suas exigências e isto os fortalecia a continuar a luta por melhores condições não só para os queixadas, mas para todos os que eram explorados.

Posições políticas sobre a fábrica e a greve – Governo

Desde o início da segunda fase da greve, em 1962, o policiamento foi solicitado, uma vez que a greve começara a ficar mais tensa, com um número maior de simpatizantes, mais aglomerações nas portas das fábricas do complexo Abdala, e a participação da imprensa e sindicatos. Tudo estava se encaminhando para um conflito, porém, isto não aconteceu; a intervenção militar utilizada por J.J. Abdala serviu para os queixadas melhorarem as formas de manifestações e não perder a razão perante a lei.

Em agosto, “furou-se” a greve. A “furo” foi preparado politicamente pela deputada Conceição da Costa Neves, que era do mesmo partido de Abdala, o PSD (Partido Social Democrático), e vice-presidente da Assembleia Legislativa, estando como presidente em exercício na época. Ela era um instrumento consciente não só de Abdala, mas dos patrões em geral. Em Perus, Costa Neves fez um trabalho psicológico e político contra grevistas.

Em uma reunião no antigo cinema ela criticou o movimento vinculando-o a um movimento comunista. E pela maneira que ela expunha o comunismo, as pessoas ficaram pensativos em suas falas. Alguns dos queixadas tentaram explicar o movimento em um debate com Costa Neves, mas quando intervinham, os militares colocavam os queixadas para fora do recinto.

Naquele momento a Fábrica de Cimento Perus tinha grande importância no bairro. A região de Perus existia praticamente em função da fábrica, sendo sua produção decisiva para a atividade comercial e trabalhista do local. Dessa maneira, Costa Neves tentou atingir a mente das pessoas, mostrando a necessidade do fim da greve.

Além do comício, houve um desfile militar, quando a polícia apresentou para a população os “Brucutus” (espécie de tanque de guerra); os veículos possuíam alto falantes que, no meio do desfile, repetiam incansavelmente as ideias de Conceição da Costa Neves; os alto falantes também convidavam as mães de Perus a que atuassem de uma forma positiva mandando seus filhos e

esposos para trabalharem na fábrica, e afirmando que a greve era um absurdo, e errada e que o sindicato era uma instituição de ladrões.

Após sair da região de Perus, Costa Neves dirigiu-se a Cajamar, e permaneceu na região por três dias, mantendo comícios. Um dos encontros lembrava a época do coronelismo, pois de um lado da praça estava a deputada Conceição e do outro lado os sindicalistas, ambos fazendo comícios.

Dias depois, quando Conceição abandonou a região de Perus e Cajamar, os queixadas montaram acampamento na rua que dava acesso à fábrica e, mais uma vez, Abdala utilizou de força policial contra os grevistas; foi formado um cerco policial para acabar com a greve de qualquer jeito, e cinquenta agentes do DOPS, sem ordem do juiz, invadiram o sindicato, arrombaram as gavetas e estantes, pegaram documentos sindicais, espancando quem pedisse explicações.

Na noite seguinte, durante a madrugada, a polícia atacou os piquetes e incendiou as barracas onde os operários mantinham-se em vigília, nos caminhos para as pedreiras e para a Fábrica de Cimento Portland. Os policiais ocuparam o clube dos trabalhadores e o transformaram em dormitório em Cajamar, onde morava o vigário que era totalmente favorável aos trabalhadores. Abdala mandou fechar a rua que dava acesso à cooperativa dos trabalhadores e também mandou bloquear a entrada do vigário. O DOPS pressionou o padre Bianchi a sair da casa onde morava, que era propriedade de Abdala, pois as casas em sua maioria na região de Cajamar eram compradas com parte do dinheiro de Abdala (início de sua gestão na fábrica). Os trabalhadores decidiram contribuir com Bianchi e arrecadaram material para construir uma casa para o padre. Antes do ocorrido, o sacerdote havia doado todo dinheiro que tinha recebido da Cúria para o fundo de greve, dinheiro este que era para construir uma casa paroquial.

No início de setembro, o DOPS formou um anel de ferro em torno de toda a área ocupada pela fábrica e algumas casas de operários. Cento e oitenta famílias ficaram isoladas. A entrada na área era proibida, só passavam os cupinchas (amigos exclusivos, etc.) da empresa e nem mesmo a assistência médica podia passar. A polícia e elementos da direção da indústria impediam o médico do

sindicato entrar na área cercada. Os policiais iam de casa em casa dos trabalhadores para forçá-los a voltar ao trabalho, usando desses processos para amedrontar e até empreendendo manobras diversionistas, jogando um queixada contra o outro, procurando romper a união entre os operários.

Várias vezes os grevistas foram ao Palácio do Governador nos Campos Elísios solicitar a remoção do tenente chefe do policiamento de Perus, em virtude de suas atitudes violentas e arbitrárias. A diretora de uma escola local, aliada ao tenente, pressionou alunos para que assinassem um documento, pedindo que o tenente ficasse em Perus. As crianças que se recusaram, tiveram seu boletins alterados. Porém, a pressão era grande: o governo teve que ceder e removeu o tenente chefe em meados de setembro.

No mês seguinte houve eleições no sindicato de Perus. Concorriam duas chapas, uma encabeçada pela diretoria e outra pela gerência da fábrica. A diretoria solicitou fiscais da Delegacia do Trabalho para acompanhar as eleições. A vitória da chapa da diretoria mostrou que os trabalhadores não se confundiram com a tentativa de manobra encabeçada pelo gerente da fábrica, querendo correção da votação.

Em 1964 as manifestações ficaram perigosas, pois era o começo da ditadura militar. Nesta fase a luta jurídica da greve ficou em primeiro plano. Em 1964, a deposição do governo João Goulart deu margem a uma grande repressão dos trabalhadores e da população em geral. As ligas camponesas e os sindicatos foram fechados ou sofreram intervenções dos ditadores. Entidades estudantis e religiosas foram perseguidas, ocorrendo muitas prisões, exílios e assassinatos. Com isso o movimento enfraqueceu, o número de seu contingente caiu, e o movimento ativo (piquetes) acabou.

O golpe de 1964 repercutiu imediatamente na vida do sindicato de Perus, que logo em seguida ao golpe, sofreu intervenção. O chefe do departamento de pessoal da Fábrica de Cimento Perus foi nomeado interventor, e o advogado Mario de Jesus foi imediatamente despedido. O acompanhamento dos processos continuou por fora do sindicato, sem poder contar com o apoio sindical como

instrumento de luta. Sem o sindicato e sem o apoio da federação, a luta ficava mais difícil. O governo decretou o AI-5 (Ato Institucional número 5) que lhe dava pleno poder. A figura do grevista tornou-se negativa: o grevista era taxado como o indivíduo perigoso para a sociedade e para o seu crescimento; as greves dos queixadas foram se enfraquecendo, mas, mesmo com repressões, tais operários conseguiram seus direitos na justiça, sem usar nenhuma forma de violência. Do lado dos queixadas, diferente do lado dos militares e do patronato, prevaleceu a lei, não a força.

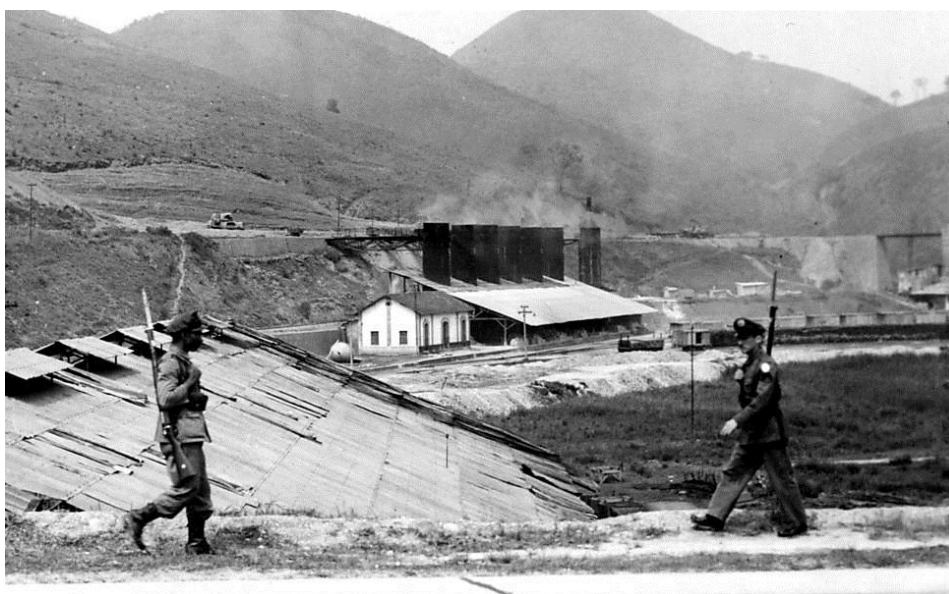


Figura 11 Policiamento dentro da Cimento Portland contra a greve -

<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/9792-cimento-portland#foto-184623>

Entrevistas e contrastes de ideias

Efetuar entrevistas com antigos trabalhadores é um tanto difícil; porém colhi a entrevista de um filho de queixada que seguiu o caminho de seu pai, participando também do movimento queixada. As questões abordadas foram:

Entrevistado:

Nome: Gestal Marques Fernandes.

Idade: 78 anos.

Como era participar do grupo dos queixadas?

O senhor Gestal primeiramente explicou toda a história dos queixadas já abordada nos capítulos anteriores, e emocionado disse que participar dos queixadas não tinha explicação, era uma união que muitos não tinham dentro de suas próprias casas e sentiam uma irmandade no grupo e isto era o que fortalecia o grupo, [...] era bom participar do grupo dos queixadas, a gente se sentia mais forte, cada vez mais unido, assim os porcos do mato (queixadas) conseguiriam derrotar o inimigo[...] Gestal Marques – queixada.

Houve muita rejeição da população contra o grupo de grevistas?

Gestal diz que houve principalmente entre os comerciantes; muitos deles eram amigos de Abdala e dificultavam a vida dos queixadas; entre a maioria da população havia parentes dentro da fábrica e assim as pessoas mantinham-se unidas aos queixadas, [...] Tinha uma lista negra, os comerciantes não vendiam para ninguém que fosse queixada e que estivesse ajudando estes grevistas, se um queixada fosse comprar em algumas lojas o preço era diferente (mais caro), ou mesmo nem vendiam, existiam alguns armazéns que me lembro, era o Maia (casa de construção) este depois trabalhou dentro da fábrica com o Abdala, a loja do Machado (armazém), a loja do Leonildo (armazém), a cooperativa (COAPE) e a cooperativa do Mosca estes eu lembro que nenhum queixada conseguia comprar nada [...]. Gestal Marques – queixada.

Como eram as reivindicações?

O senhor Gestal lembra com clareza uma das manifestações que ele participou no centro de São Paulo onde eles seguravam lençóis e as pessoas que apoiavam os queixadas, jogavam notas de dinheiro amarradas em cima deste lençol e assim eles iam acumulando o fundo de greve, [...] as manifestações eram pacíficas, o Dr. Mario (advogado do sindicato) tinha a ideologia do Mahatma Gandhi e sempre pedia para os queixadas nunca revidarem uma agressão seja ela qual for, todas as manifestações eram pacífica e sempre pedindo apoio da população [...]. Gestal Marques – queixada.

Como era a repressão sobre o grupo queixada?

O senhor Gestal começa rindo e diz suspirando fundo, [...] Era muito difícil, tinha gente presa, gente apanhava, quando ficava na entrada da fábrica, a polícia vinha e batia sem dó nos companheiros, chegaram a montar até uma metralhadora em cima de uma das torres da fábrica, os policiais gostavam de ficar ali, o Abdala bancava tudo o que eles queriam em troca de segurança da fábrica, os próprios policiais trabalhavam dentro da fábrica para que ela não parasse [...]. Gestal Marques – queixada. Perguntei se alguém que estivesse envolvido na greve havia sumido ou sido assassinado pelos militares, ele disse que assassinado não, mas tinha uma freira que ajudava os queixadas, isto já após 1964 (golpe militar), que tinha sido exilada para a Holanda.

Houve alguma doença durante o período de trabalho na fábrica que o motivo tenha sido o tipo de trabalho? Conheceu alguém que obteve alguma doença?

Gestal, aliviado, disse que nunca ficou doente e agradece a Deus [...] eu nunca fiquei doente por causa do trabalho mas, “vixe”, conheci algumas pessoas que se adoeceram por causa de uma doença, não me lembro o nome, mas a pedra que faz o cimento tem tipo uma “*pelinha*” que não podemos respira-la, aquilo gruda no pulmão e não tem cura, algumas pessoas tiveram problemas respiratórios por causa deste problema, um conhecido meu chamado Jangada ficou doente, inclusive estava internado algum tempo atrás, não sei como esta agora [...]. Gestal Marques – queixada.

Acha que foi válida a luta e se obteve um resultado positivo?

Gestal mais uma vez se emociona e disse que a maioria das coisas que conseguiu foi pela fábrica, [...] meu patrimônio consegui pelo trabalho e pela luta dos queixadas, mesmos os queixadas que perderam acabaram ganhando, o dinheiro ganho em audiências foram dividido com todos os queixadas os estáveis e os que não tinham estabilidade, para mim foi muito válido [...]. Gestal Marques – queixada.

O que você acha dos pelegos?

Gestal ri, [...] São um bando de sem vergonha, mesmo com nossas reivindicações eles acabaram ganhando. Só não ganharam nosso salário atrasado corrigido, ainda não gosto muito dos pelegos que encontro pela rua, mas eles dificultaram a nossa situação, principalmente com o furo da greve (Conceição da Costa Neves), muitos que eram queixada se sentiram ameaçados e voltaram a trabalhar se juntando com os pelegos, isto deu força para estes sem vergonha comparsa do Abdala, o patrão mandava buscar os funcionários pelegos em casa com uma perua branca com o nome da fábrica do lado, o Vitório era quem dirigia a perua ele era queixada e depois do furo de greve ele ficou com os pelegos [...]. Gestal Marques – queixada.

Você acha que mudou o pensamento da população após vocês se mostrarem pacíficos?

[...] Sim, pois a população estava vendo as greves acontecendo no país de uma forma mais violenta com piquetes, quebra-quebra e as dos queixadas era sempre pacífica com músicas e canções de ordem, mas nunca com agressão da nossa parte [...]. Gestal Marques – queixada.

Vocês acreditam que os queixadas foram um novo modelo de grevista?

[...] Sim, ninguém fazia o que fazíamos, viajávamos para pedir apoio, tínhamos apoio de políticos porém sem influência de partido, Fernando Henrique Cardoso, na época deputado, sempre estava aqui em Perus nos apoiando e nos ajudando.

Você acha que a fábrica deveria continuar seu funcionamento, e porque você acha que mesmo os moradores atuais de Perus não conhecem a história dos queixadas?

O senhor Gestal, fica pensativo e diz [...] A fábrica deveria continuar pois era uma grande economia para o bairro e continuaria sendo, porém lógico que devia manter-se dentro da lei com pagamentos, poluição, desmatamento e outras coisas, referente a sua história, acredito que as próprias pessoas não se interessam pelo que acontece em sua volta, imagina se interessaram-se por uma história antiga do bairro, e também o próprio bairro deixou a história se apagar [...]. Gestal Marques – queixada.

O senhor Gestal ainda complementou nossa conversa falando mais sobre a Fábrica de Cimento Portland, [...] Após o confisco da fábrica pelo governo, o funcionamento voltou ao normal, Abdala devia muito dinheiro de impostos para o governo e intensificando os problemas com a greve, facilitou com que o governo tomasse conta da fábrica, o Sr. Mário, advogado do sindicato, todos gostavam dele, mas ele também não era tão santo, pois ele tinha uma grande desavença política com Abdala e ele usava os queixadas como massa de manobra como rixa com Abdala, ele queria fazer a mesma coisa que o governo fez, tomar a fábrica mas deixar como uma autogestão dos próprios funcionários, o governo tomou e a fábrica durante um tempo se tornou estatal, foi o melhor período o governo cuidava de todos nós, alimentação, saúde tudo de bom e do melhor e ajudava nos processos contra a fábrica, quem pagou todos os queixadas foi o governo. Quando o governo resolveu vender a fábrica em leilão, Abdala não poderia participar, mas mandou seu filho cuidar dos lances e montou um acordo gigantesco com as outras indústrias de cimento participantes do leilão, ele disse para ninguém dar o primeiro lance, assim o governo seria obrigado a diminuir 10% do valor de venda, e todos os outros cimenteiros aceitaram, porém Abdala com seu filho quebrou o acordo, quando o governo abriu o leilão com o primeiro lance altíssimo, seu filho arrematou a fábrica de cimento novamente, mantendo-a dentro da família, mas mesmo assim ela fechou, não acompanhava mais o crescimento das outras fábricas, a que era a mais moderna tinha ficado para traz [...]. Gestal Marques – queixada.

Outra entrevista busquei alguém que não fosse do movimento queixada mas que morasse no bairro de Perus e vivenciou tudo o que ocorreu porém em

uma outra perspectiva, as perguntas foram as mesma porém com um outro prospecto.

Entrevistada:

Nome: Nair da Silva Lopes.

Idade: 74 anos.

Como era o bairro na greve?

[...] O Bairro era pacífico, muito mato ainda, as vilas eram isoladas, era um bairro tranquilo as pessoas eram simples e não estavam acostumadas com o que estavam vendo [...] Nair da Silva Lopes – comunitária.

Houve muita rejeição da população mediante ao grupo grevista?

[...] Não, nenhuma, o bairro inteiro estava a favor da greve, muitos não participavam mas torciam para a vitória dos queixadas [...]. Nair da Silva Lopes – comunitária. Reforcei a pergunta comentando sobre a lista negra, e a Sra. Nair então confirmou que isto existia sim mas era somente por parte dos comerciantes.

Como eram as reivindicações dos queixadas?

Sra. Nair se mostrou entusiasmada com a pergunta [...] Frequentei algumas reuniões dos queixadas no sindicato perus e eram interessante as reuniões, eu trabalhava na creche de Perus e a igreja estava envolvida, como a creche era ao lado da igreja acabávamos sabendo de algumas coisas, e nas reuniões qualquer decisão era votada, e o que mais se prezava era um movimento de paz, sem violência, lembro que até as manifestações eram calmas, as mulheres queixadas foram uma vez, lá no largo São Francisco e com várias velas e cantorias manifestaram a noite toda, sem nenhum acontecimento violento, outra manifestação que me chamou muito a atenção foi quando as mulheres deitaram na linha do trem para ele não passar [...] Nair da Silva Lopes – comunitária.

Como eram as repressões sobre o grupo queixada?

A Sra. Nair de pronto respondeu [...] Muito violentas, os policiais além de ameaçar os queixadas, também ameaçavam as famílias, indo até as casas, abrindo portas vistoriando, levando pessoas para trabalhar quase que obrigadas, tinha perseguição, conheci o João Breno, um dos líderes do grupo queixada, ele foi preso várias vezes, as reuniões que fazíamos na igreja eram escondidas, tínhamos medo da repressão pois a igreja apoiava os queixadas, principalmente a luta contra o pó de cimento já na década de 80, lembro também do furo da greve, a deputada Conceição da Costa Neves montou um desfile militar com um monte de armamentos grandes, carros de soldado, canhões de guerra e ela estava na frente, em cima de um caminhão, discursando com um megafone, para a população falando que a greve era errada que não iria dar certo se manterem a greve, ela colocava medo na população, existia também a resistência da irmã Iris e mais duas freiras que apoiavam ativamente os grevistas [...] Nair da Silva Lopes – comunitária.

Conhece alguém do grupo queixada? Conhece alguém que ficou doente por trabalhar na fábrica?

[...] Conheço algumas pessoas que trabalharam mas mais para o final da greve, mas conheço bastante filhos de queixadas, referente a doenças ouvi muitos casos, mas não conheço ninguém pessoalmente para lhe afirmar [...]. Nair da Silva Lopes – comunitária.

Acha que foi válida a luta dos queixadas?

Mais uma vez respondeu de imediato [...] com certeza, eles conseguiram as reivindicações, conseguiram o que queriam e ajudaram muitos outros que não conseguiram [...]. Nair da Silva Lopes – comunitária.

O que você acha dos pelegos?

[...] São uns traidores da causa, uma classe que estava lutando pela melhoria de todos, todos eles tinham que ajudar, e eles não fizeram nada, mas gostara das melhorias que os queixadas conseguiram e eles também ganharam, os pelegos ficaram muito mal visto no bairro, até hoje os queixadas ainda vivos e

os filhos de queixadas, se estranham com os pelegos ainda vivos, isto pela traição na época da greve [...].Nair da Silva Lopes – comunitária.

Você acha que mudou a forma de pensamento da população após verem a forma pacífica de manifestação dos queixadas?

[...] Mudou, as pessoas começaram a ter mais consciência sobre a greve e o que eles estava tentando melhorar e isto ajudou mais no futuro pois a população se uniu mais para diminuir a população [...].Nair da Silva Lopes – comunitária.

Você acredita que os queixadas formaram um novo modelo de greve?

[...] Sim, eles eram diferentes de todas as greves que estavam acontecendo, nós aqui no bairro não tínhamos medo se eles comessem as manifestações pois sabíamos que não teria violência, diferente do que acontecia no centro de São Paulo [...].Nair da Silva Lopes – comunitária.

Pela importância que a greve e a fábrica tiveram para o bairro, por que você acha que as pessoas hoje em dia não comentam e nem conhecem a greve?

[...] A greve teve muita importância para os que participaram, o João Breno foi convidado pela Inglaterra ou pela Alemanha, não me lembro bem, mas sei que foi fazer uma palestra sobre os queixadas, o Tião está hoje na Espanha em uma faculdade ministrando uma palestra sobre o ocorrido, estranho que saibam desta greve e da importância da Fábrica de Cimento de Perus, mais fora do país do que dentro do próprio bairro, acredito que o culpado somos nós mesmo de não explicarmos e ensinarmos os mais novos [...].Nair da Silva Lopes – comunitária.

Nas duas entrevistas são inúmeras as comparações; as falas são parecidas; problemas apontados são os mesmo, e a visão sobre a fábrica e o patrão, sem dúvida é a mesma. Assim podemos ter certeza de que a luta dos queixadas pelos direitos e melhorias foi legitimada e garantida com a vitória. Mesmo após séculos de distância da primeira revolução industrial, distante da Europa, o Brasil permanecia no mesmo molde de burguês – patrão, o malvado e explorador – sobre uma classe de trabalhadores que simplesmente vendem o seu

trabalho, seu ofício por uma pequena parcela de lucro do patrão, legitimando a mais – valia.

Estes grevistas mostraram que obtiveram o apoio da população e conseguiram suas reivindicações sem violência, derrubaram o astuto de seu trono de ouro e assim mantiveram-se unidos e fortes até o fim.

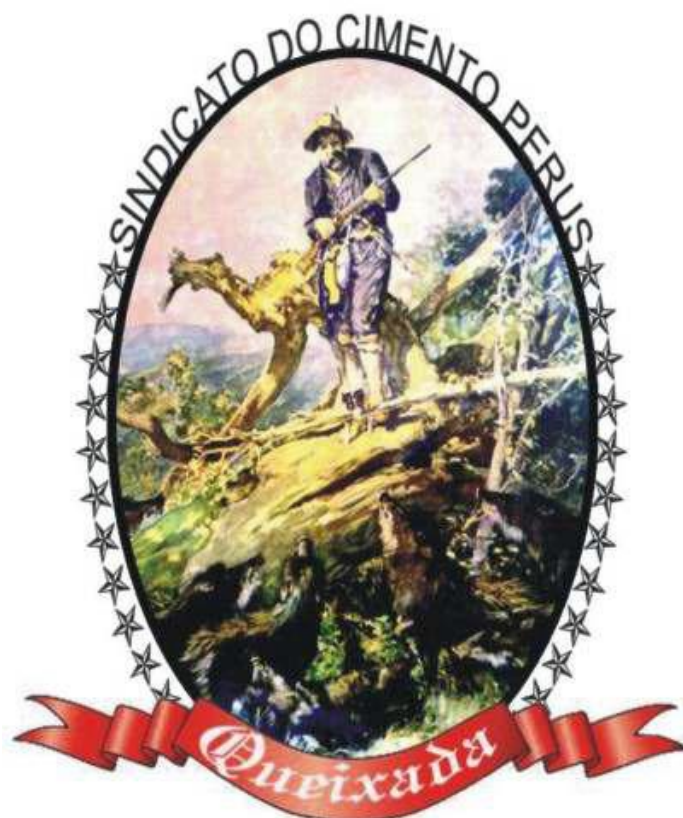


Figura 12 Brasão dos Queixadas

O brasão queixada identifica o que é a palavra queixada e o ícone posto pelo grupo. Fazendo um pouco do trabalho iconográfico, bem exposto pela imagem, temos a figura do caçador, no caso o inimigo, em conflito com os porcos do mato queixada abaixo da imagem, estes unidos contra o caçador. Iconograficamente temos o patrão na imagem do caçador e os operários na imagem de porcos do mato, as estrelas em volta do brasão são representações

do número inicial de grevistas pertencentes ao grupo de queixadas; abaixo temos gravado em flâmula o nome do grupo e a representação sindicalista acima.

Os queixadas ficaram conhecidos internacionalmente, porém nacionalmente tiveram sua representação nas artes. Um grupo de teatro chamado Olho Vivo criou a representação da história dos queixadas e além disso, um disco da peça com a canção posta abaixo.

Tem um porco do mato
Um porco selvagem
Que quando anda em bando
Vira turma da pesada
Seu nome é Queixada

Teve uma greve na cidade de Perus
Onde os operários, sabedores dos direitos
Assinaram em cruz

Foi uma briga feia
Durou dezena e meia
Uma briga danada

E os operários chamavam Queixada

Uma representação totalmente exposta sem dubiedade nas palavras e versos, mostrando realmente para as pessoas o que ocorreu nesta greve, mantendo-se em ritmo de boi – bumba, a peça de teatro segue mostrando os maus tratos conflitos e vitória.

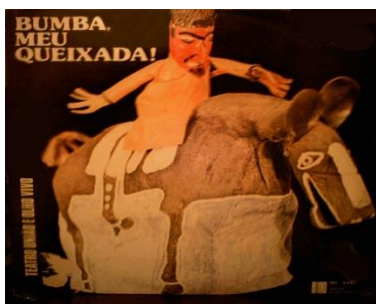


Figura 13 Capa do Disco e Peça Bumba Meu Queixada

A localização da fábrica também teve sua importância de uma forma logística para queixadas e transporte; a fábrica de cimento teve todo o pensamento, de crescimento, segundo o Sr. Gestal; em uma parte de seu depoimento, disse que todo o eucalipto plantado em torno da fábrica era para formar um filtro natural, pois as plantas acabariam absorvendo o pó de cimento jogado na atmosfera; a linha férrea tinha sua coluna dorsal na Estrada de Ferro Santos – Jundiaí, que passando a menos de 1km da fábrica, facilitava um pequeno desvio de trilhos, ampliando a Estrada de Ferro Perus – Pirapora; o carregamento e transporte de cimento, também ficavam próximos à Via Anhanguera, facilitando a distribuição do seu produto. Os funcionários também aproveitaram a logística: próximo da estação de trem de Perus e junto a uma praça frequentada pela população, estes pontos eram usados como palco de manifestações, pois a população passaria por estes pontos diariamente, conhecendo melhor a história e o que estes queixadas passavam dentro da fábrica. O sindicato também ficava próximo da Fábrica de Cimento Portland, dos fundos da fábrica para ser exato; ficava fácil chegar até a diretoria da fábrica, qualquer reunião ou decisões sobre os funcionários. O Campo de futebol também aos fundos da fábrica era cenário de manifestações e conversas sobre a greve e os problemas ocorridos.



Figura 14 Mapa de Perus

- 1 – Sede do Sindicato da Fábrica de Cimento Portland – Sindicato Perus.
- 2 – Campo de futebol do Portland.
- 3 – Vila do Triângulo – Uma das vilas operárias das indústrias Abdala.
- 4 – Rodovia dos Bandeirantes, fundada em 1978 só terá utilidade para fábrica após o fisco – o fluxo de transporte era pela Via Anhanguera à sudeste da rodovia dos bandeirantes.
- 5 – Fábrica de Cimento Portland.
- 6 – Estação de trem de Perus. Palco de manifestação e fluxo de carga de cimento
- 7 – Praça Inácio Dias – Palco de manifestação.

Conclusões Finais

Durante todo o período de greve, os trabalhadores certamente não imaginavam o tamanho da repercussão desta greve, pois no momento todos estavam lutando por um só ideal. Porém, não reconhecidos dentro de seu próprio país, alguns dos operários foram convidados para uma palestra na Inglaterra para explicar na OIT (Organização Internacional do Trabalho) o que realmente aconteceu na greve; a greve caiu no esquecimento para alguns; para os queixadas as manifestações tornaram-se um ensinamento. Entretanto, muitos habitantes de Perus não sabem o que é a fábrica abandonada hoje, e menos ainda, a importância que teve para o bairro e para as pessoas que ali tiravam seu sustento.

Os trabalhadores acabaram formando um novo modelo de grevista. Como já citado em capítulos anteriores, nas perspectivas dos movimentos de greves antigos, tinha-se a visão de homens em frente às empresas, brigando com policiais e apedrejando o dono da fábrica. Karl Marx e Friedrich Engels mostram o proletário alienado, sem horizonte de melhoria de vida, o salário como seu único objetivo, precisando-se de um grande incentivo para as lutas proletárias. A luta de classes surgiu quando este proletário deixou de ser alienado e procurou igualdade, que foi atingida pelos movimentos cartistas e luditas, movimentos nos quais os proletários reivindicavam seus direitos, saindo para as ruas e discutindo com os militares, quebrando máquinas e acontecendo até mesmo mortes. Esta imagem é o que temos de greves.

Porém, muitas mudanças aconteceram no modo de trabalhar; a revolução industrial passou por fases em que o proletário foi sendo substituído cada vez mais por máquinas e assim, as mudanças tornaram-se cada vez mais drásticas para os proletários. O filme “A Classe Operária Vai ao Paraíso” mostra um pouco desta transformação: há um homem que é totalmente alienado, porém ele se sente parte da fábrica, parte da produção e acredita que, sem ele, não existiria a fábrica. Só mudará sua visão quando perde parte de seu dedo em um acidente e a fábrica não lhe dá nenhuma assistência; o homem prossegue com sua visão de que faz parte da fábrica e tenta reivindicações de uma forma menos “revolucionária”. Este novo prospecto faz com que os outros trabalhadores

tenham desta forma e outros mantenham-se nos moldes antigos, com piquetes em frente à fábrica, e muitos, muitas das vezes de forma violenta, são novos trabalhadores pensantes.

[...] Há uma tendência a tornar a revolução em um fato “mítico” e “heroico” ao mesmo tempo individualizado e romântico. Várias tradições convergem no sentido de anular o papel por assim dizer de suporte a instrumental das massas e salientar as figuras centrais por vezes as figuras heroicas e decisivas. A burguesia cedeu a essas tradições e fomentou-as tal ponto que sua historiografia, mesmo quando busca os fatores externos concentra-se no culto aos heróis e da relva aos papéis criadores dos grandes homens. A historiografia marxista nunca anulou a importância da personalidade nos processos histórico e jamais praticou uma redução mecanicista, que excluísse seja o fator humano e psicológico, seja o grande homem e os líderes exemplares da explicação casual da história. O que distingue o marxismo, a esse respeito é a tentativa de compreender a revolução como fenômeno sociológico de classe. [...] Fernandes, Florestan – Clássicos Sobre a Revolução Brasileira – 1ª edição, pp. 64 e 65; Expressão Popular – São Paulo – 2007.

A emergência explícita da luta de classes e a revolução como postas por F. Fernandes enfocam o revolucionário grevista como o herói e o símbolo de luta; porém esta luta acontece por mera necessidade, o trabalhador sente a necessidade de mudança e a última visão que tem é a de que ele é um herói ou um mito e que sua história será passada por gerações. Exemplo foram os queixadas que lutaram por necessidade. Hoje poucas pessoas sabem que esse movimento grevista existiu; talvez para as famílias, mas para o imaginário social do bairro a fábrica é somente um monte de concreto acumulado, ocupando um espaço físico da região.

Eder Sader também cria seu paradigma de trabalhador e manifestante. Mostra os manifestantes com apoio político, vinculados a um grupo, almejando cargos públicos sendo esquecidos pelos políticos, que muitas das vezes ignoram os trabalhadores que votaram em sua candidatura. Sader também mostra as comunidades de base e sua importância. Os queixadas se formaram dentro da fábrica, uniram-se por um único ideal e este gerou a grande greve. Não pediram apoio político; preferiram a expansão de seus ideais com jornais e o “boca a boca”. Todos os políticos que queriam apoiá-los foram por eles recusados, pois não queriam bater de frente com o partido de Abdala. O “mau patrão” veria essa atitude como mais uma afronta e os queixadas não queriam transformar suas reivindicações em manobra política, como se fossem apenas uma massa manipulável. As comunidades de base foram abordadas em alguns capítulos, buscando-se situar seu papel bem como a participação da Igreja, com o padre Bianchi. Discutiu-se também o auxílio da população que entendia as necessidades e as dificuldades dos grevistas e de suas famílias. Este modelo é criado a partir das cooperativas, fortalecidas no ABC; a Fábrica de Cimento Portland, não possuía uma cooperativa; portanto, os funcionários e amigos se ajudavam de formas mais amplas e talvez, até mais criativas.

A forma de sobrevivência dos operários do século XVIII retratada por E.P. Thompson é caótica, também é retratada por Engels, quando trabalhava na vistoria de saúde dentro das fábricas. As pessoas morriam de sarampo, tuberculose, fome, pestes ocasionadas pela falta de limpeza e outros fatores. Os anos passaram, mas muitas dessas adversas condições de trabalho continuam graves e precárias. Uma análise antiga mostra na Inglaterra da Revolução Industrial um grande acúmulo de resíduos na atmosfera, proveniente da queima do carvão, alterando a vida local como a coloração das mariposas.

Na região de Perus as coisas não eram diferentes, pois existia um abandono dos grevistas queixadas; os médicos não os atendiam, e os operários contaram apenas com solidariedade médicos e estudantes da USP. O cimento jogado na atmosfera era extremamente poluente, acumulando-se em telhados. Mesmo a população respirando este produto enfrentava sérios problemas de saúde. Como se pode observar, as dificuldades dos grevistas de Perus eram as

mesmas que aquelas enfrentadas no século XVII e no XVIII. As revoltas no passado remoto e na história mais atual teriam quase que a mesma explicação, mas a forma de manifestação é diferenciada. Thompson apresenta uma forma de manifestação popular, por exemplo, com passeatas, mas o operário continuava trabalhando, mantendo os acordos com o patrão e acreditando na sua grande participação na empresa. Os queixadas revelam um novo modelo de atuação, pois, embora parem de trabalhar como nas antigas paralizações do século XVIII, mantêm-se de uma forma pacífica chamando a atenção da população e do Patrão, pois mostravam que queriam o trabalho oferecido; gostavam de trabalhar na Fábrica de Cimento Portland e não queriam prejudicar a classe burguesa, queriam sim uma parceria fundamental e justa entre patrão e trabalhador.

Os queixadas são exemplo de bondade e inteligência; em meio aos “conflitos” ajudavam uns aos outros, mantinham a união entre os companheiros, e apoiavam outras greves e outros sindicatos. Tinham uma ideologia pacifista e visão social abrangente. Se muitos os chamaram de comunistas, como Conceição Costa Neves, se muitos os chamaram de vagabundos, como os pelegos que depois se beneficiaram com as reivindicações, se muitos os chamaram de bandidos, como os militares, e se alguém os chamou de animais ingratos, merecem o respeito de todos. Deve-se lembrá-los como vencedores.

Cronologia do Bairro

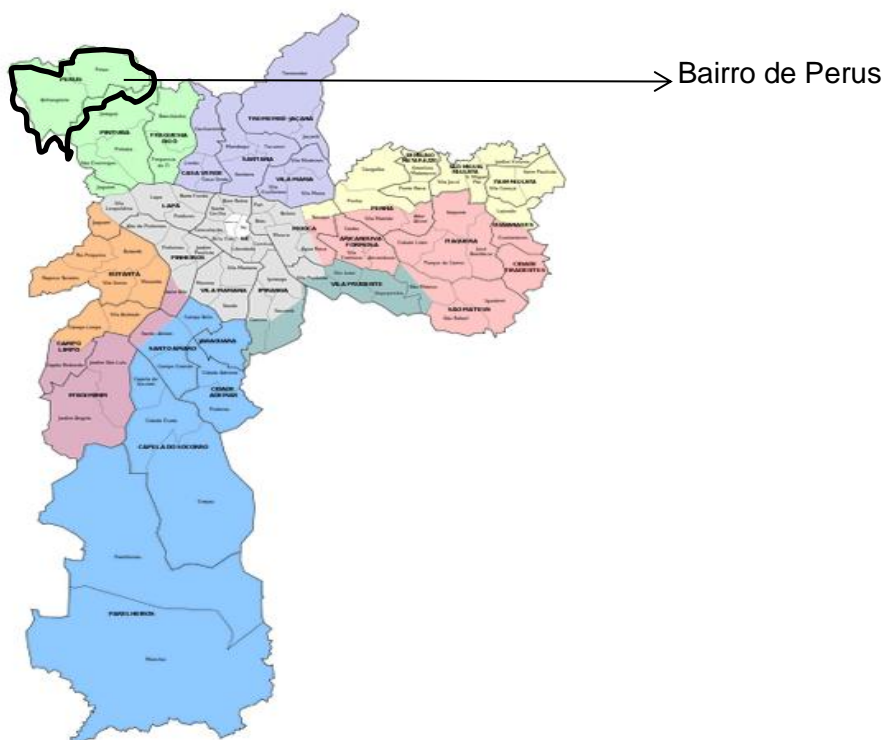


Figura 15

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/padrejosedeanchieta/index.php?p=5572

O bairro de Perus Situado na região do vale do Rio Juquery, teve seu descobrimento por volta de 1590, junto com toda a região do Jaraguá e Pirituba, esta descoberta aconteceu nas expedições feitas por Martim Afonso de Souza, esta região posteriormente foi explorada por Afonso Sardinha sendo propícia a extração de diamante seguindo-se até metade do século XVIII, entre meios aos séculos citados Perus também teve sua produção agrícola em produção de uvas e cereais entre 1700 e 1800.

Em 1934 o bairro de Perus deixa de ser dependente do distrito da Freguesia do Ó esta dependência ocorria desde 1867, toda a formação jurídica territorial e política de Perus dependia da Freguesia do Ó.

Em 1867 a Companhia São Paulo Railway, introduz em suas bitolas a estação de trem de Perus, inicialmente a estação servia como entreposto de abastecimento de água para as locomotivas e comércio, a linha férrea possuía um fluxo de transporte de café muito grande pois fazia a ligação do Porto de Santos

com o interior paulista, com o passar dos anos e o crescimento do bairro a estação teve uma conotação de transporte público deslocando passageiros do bairro para o centro da cidade de São Paulo.

Ao meado do século XVIII Perus abrigou uma fabrica de pólvora a qual fornecia munição para os aquartelamentos de São Paulo, principalmente para o Porto de Santos em plena república.

Em 1926 a introdução da maior fábrica do ramo cimenteiro do país a construção da Fabrica de Cimento Portland, construída com capital canadense teve seu auge e sua glória, em 1950 esta mesma indústria passa para as mãos de J.J. Abdala modificando a política da empresa, esta sendo fechada em 1987. Duas décadas antes a região vizinha, o município de Caieiras recebia a indústria melhoramentos, anteriormente conhecida como MD Nicolaus.

Do ano de 1946 e 1951 a família Peccicacco ampliou sua fortuna com a mineração local propícia ao caulim (material para produção de cal e cimento), e também na produção de água mineral.

Bibliografia

Azevedo, Raquel de, A Resistência Anarquista (uma questão de identidade – 1027 – 1937), Ed. 3 – Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, São Paulo 2002.

Benevides, Maria Victória de Mesquita, Fé na Luta (a comissão Justiça e Paz de São Paulo, da ditadura à democratização), Ed.1 – Litera.doc, São Paulo 2009.

Blandon, Rachel – Gandhi. Ed 1 - Macmillan Readers, São Paulo 2012

Chiavenato, Júlio José, O golpe de 64 e a Ditadura Militar. Ed.4 – Moderna, São Paulo 1994.

Câmara Municipal de Cajamar, Trajetórias e Lutas – 11ª legislatura 2005 / 2008 – Cajamar 2008

De Oliveira, Persivaldo da Silva, Movimento dos Trabalhadores na Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus – Greves de 1958 à 1962. – Trabalho de Conclusão do Lato Sensu, Universidade Pontifícia Católica de São Paulo – 2009.

Engels, Friederich, A Situação da Classe trabalhadora na Inglaterra. Ed 1/ 2008 – SãoPaulo, Boitempo 2008.

Fernandes, Florestan – Júnior, Caio Prado, Clássicos Sobre a Revolução Brasileira – Ed.1 – Expressão Popular, São Paulo 2007

Imagens e notícias <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/9792-cimento-portland#foto-184632>

Filmes

<http://www.youtube.com/watch?v=PsThm-z1tWI>

<http://www.youtube.com/watch?v=57Wyl4bHBxo>

<http://www.youtube.com/watch?v=GbpW6OD5yKg>

<http://www.youtube.com/watch?v=sUlq-CVp8YI>

http://www.youtube.com/watch?v=UZAc_1c4iTQ

<http://www.youtube.com/watch?v=iZGZAJ-rZok>

Jornal – O Estado de São Paulo, São Paulo 30 de Junho de 1973.

Jornal – Diário de São Paulo, São Paulo 27 de novembro de 1973.

Oliveira de, Cida, A lição dos queixadas (Personagens de uma greve que durou de 1962 até 1969 contam por que essa batalha, 50 anos depois, ainda está forte na memória da comunidade), Artigo - <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/77/a-licao-dos-queixadas> - 2012

Pinheiro, Cleoci – Blog - <http://cleoci.wordpress.com/2008/11/17/cimento-portland-perus/>

Sader, Eder, Quando Novos Personagens Entram em Cena (experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970 – 1980). Ed.1 / 5ª reimpressão – Paz e Terra, São Paulo 1998.

Siqueira, Élcio, Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus 9 contribuição para a história da indústria pioneira do ramo no Brasil 1926 à 1987), Tese de Mestrado Universidade Estadual Paulista de Araraquara, Araraquara 2001.

Soraia, Ansara, O Legado da Greve de Perus, Lembranças de uma Luta Operária; Artigo, pg 242 / 254 revista USP <http://www.revistas.usp.br/ceru/index>

Souza, Keila dos Santos, Vilas Operárias em Cajamar, Trabalho de Conclusão de Curso Centro Universitário Assunção UNIFAI, São Paulo 2009.

Panfletário da frente nacional do trabalho, Caderno número 2 – 1980.

Thompson, Edward Palmer, A formação da Classe Operária Inglesa vol2 a maldição de Adão. Ed. 2 – Paz e Terra, São Paulo 2012.

Vissentini, Jose William – Sociedade e Espaço- cap 10 pg 111 / 114 - Ática, São Paulo 1992.

www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/padrejosedeanchieta/index.php?p=5572

Autorização de divulgação

Eu, senhor (a) Mair da Silva Lopes,
autorizo qualquer divulgação desta entrevista, me responsabilizando, que estas
"memórias", são fidedignas aos ocorridos no período mencionado. Garanto
também que estas informações não são fruto de mentiras ou ficção, contendo
entre elas alguns lapsos ou falta de conteúdo pois são lembranças.

Data ____/____/____

M Lopes

Autorização de divulgação

Eu, senhor (a) João Marques Fernandes,
autorizo qualquer divulgação desta entrevista, me responsabilizando, que estas
"memórias", são fidedignas aos ocorridos no período mencionado. Garanto
também que estas informações não são fruto de mentiras ou ficção, contendo
entre elas alguns lapsos ou falta de conteúdo pois são lembranças.

Data 11 / 07 / 2013

João Marques Fernandes
